

**GUILENE DETIMERMANE DE SOUZA CANDIA**

**Análise Crítica da Metáfora no Discurso Inaugural de  
Nelson Mandela**

**Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudo da Linguagem**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUCSP  
2009**

**GUILENE DETIMERMANE DE SOUZA CANDIA**

**Análise Crítica da Metáfora no Discurso Inaugural de  
Nelson Mandela**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mara Sophia Zanotto.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUCSP  
2009**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Mara Sophia Zanotto (Orientadora)

---

Prof. Dr. Tony Berber Sardinha

---

Profa. Dra. Helena Gordon Silva Leme

## **SUPLENTES**

---

Profa. Dra. Marlene Sardinha Gurpilhares

---

Profa. Dra. Dieli Vesaro Palma

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução parcial ou total desta dissertação através de fotocópias ou meios eletrônicos.

Assinatura: \_\_\_\_\_ São Paulo, 17 /03/2009.

## **DEDICO**

Ao meu marido, meu maior incentivador neste mestrado. Meu companheiro, meu “Co-orientador”, meu cúmplice. Por todos os finais de semana intensos de trabalho, leitura, digitação. Pelas manhãs cortadas, enfim, meu Grande Amor.

Aos meus pais, por todo tipo de apoio dado a seu modo. Minha mãe se responsabilizando por todas as tarefas alheias ao mestrado e meu pai, pela contagem dos dias...

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me consentido o dom da vida, saúde e força em todos os momentos.

À Profa. Dra. Mara Sophia Zanotto, orientadora desta pesquisa, por sua afabilidade e sua visão ampla da Metáfora, que me levou a uma interpretação singular do mundo por meio das metáforas.

À Secretaria da Educação do Governo de São Paulo e sua Diretoria de Ensino de Guaratinguetá/SP, que com o Projeto de Bolsa Mestrado tornou possível a realização desta pesquisa. À Supervisora de Ensino Eliana Maciel, e à Adelaide Santos, meus agradecimentos especiais para elas, por seus profissionalismos, disposição e sempre muito acolhedoras.

Aos professores do LAEL, à Profa. Dra. Regina Luz de Brito e ao Prof. Dr. Adail Sobral, que muito contribuíram no meu processo de aprendizagem.

Aos membros da Banca Examinadora, Prof. Dr. Tony Berber Sardinha, pela grande visão no campo da metáfora e seus conselhos muito pertinentes, à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Helena Gordon Silva Leme pela visão panorâmica e pontuações precisas para a finalização dessa dissertação, às suplentes Profa. Dra. Marlene Sardinha Gurpilhares e Profa. Dra. Dieli, pela disposição.

À secretária do LAEL, Maria Lúcia; à Márcia, bibliotecária do CEPRIL e ao Rodrigo, da secretaria de Pós-Graduação, todos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCP-SP, sempre muito profissionais e eficientes, que sempre me atenderam com profissionalismo.

Ao ilustre e admirável Nelson Mandela, pelo exemplo de luta contra as diversas formas de discriminações, pela busca insaciável de justiça, liberdade e respeito ao ser humano.

## **Resumo**

Esta dissertação de mestrado refere-se à pesquisa, sob a perspectiva crítica e pragmática, das metáforas conceptuais e lingüísticas que tenham o sentido de portadora de ideologia e de estratégia de polidez num discurso político. Teve como base de estudo o Discurso Inaugural do líder sul-africano, Nelson Rolihlahla Mandela, proferido na ocasião de sua posse como presidente da África do Sul, em 10 de maio de 1994, na cidade de Johannesburgo, capital daquele país. O discurso foi pronunciado em língua inglesa, mas para a análise servimo-nos da tradução ao português, interpretando suas ocorrências na mesma. A escolha deste discurso se deu por acreditarmos que o mesmo tenha sido um marco de mudanças na história daquele país e, a abordagem da metáfora em uso pressupõe que, mesmo a metáfora sendo uma figura de pensamento, isto é conceptual, ela manifesta-se no âmbito da linguagem em uso, e é a partir do contexto discursivo que ela pode ser mais bem compreendida. E esta dissertação, portanto, insere-se na abordagem da Metáfora em Uso e na Teoria da Metáfora Conceptual, primeiramente, por analisar o sentido pragmático das metáforas, isto é, o seu sentido dentro do contexto sócio-histórico específico e, em segundo lugar, por conceituar a realidade por meio das metáforas. Considerando essas ferramentas teóricas e contando com a metodologia da Análise Crítica da Metáfora esta dissertação se propõe a apontar as metáforas que tenham o sentido de portadora da ideologia de Mandela e que expressem críticas aos seus antecessores no poder de maneira polida, salvaguardando as faces dos envolvidos no discurso. Para tanto foram realizadas as análises, partindo pela identificação das expressões metafóricas, logo, apontando os tipos de metáforas identificadas e, por último, considerando por quem, onde e para quem foi proferido o discurso, buscando o seu sentido pragmático. Os resultados mostraram que Mandela, ao servir-se das metáforas conceptuais e lingüísticas, primeiramente, expressou sua ideologia pacifista, mostrando ainda, que é fruto de um longo caminho e, em segundo lugar, critica seus antecessores no poder, sem provocar ofensas, isto é, as metáforas, neste discurso, tiveram a função, também, de desarmar a agressão.

**Palavras-Chave:** Metáforas Conceptuais, Metáfora em Uso, Análise Crítica da Metáfora, Ideologia, Polidez.

## **Abstract**

This master's thesis concerns the research, under the critical and pragmatic perspective, the conceptual and linguistic metaphors that have the effect of the bearer of ideology and strategy of civility in political discourse. It was the study of the opening address of the South African leader, Nelson Mandela Rolihlahla, pronounced in the occasion of his entrance into the office as President of South Africa on 10 May 1994 in the city of Johannesburg, capital of that country. The speech was sharp in English language, but for the analysis, we used the Portuguese translation, interpreting the ideological occurrences in it. The option for this speech was because we believe it has been a landmark of changes in the history of that country. The approach of the Metaphor in Use assumes that even the metaphor is a figure of thought, which is conceptual. It manifests itself in scope of language in use, and it is from the discursive context that it can most be understood. This dissertation, therefore, fits into the approach of Metaphor in Use and in the Theory of Conceptual Metaphor. First, for analyzing the pragmatic meaning of metaphors, that is, its meaning within the specific socio-historical context, and secondly for appraising the reality by meaning of metaphors. Considering these theoretical tools and counting on the methodology of Critical Analysis of Metaphor, this dissertation aims to identify the metaphors that have the sense of carrying the ideology of Mandela and that expresses criticism of his predecessors in power in a polite way, while safeguarding the identities of those involved in the discourse. Both analyses had been in such a way carried through leaving for the identification of metaphorical expressions, thus indicating the types of metaphors identified and, finally, given by whom, where and for whom the speech was pronounced, seeking its pragmatic sense. The results have shown that Mandela, making use of linguistic and conceptual metaphors, first, expressed his pacifist ideology, showing still, that it is fruit of a long way and, secondly, criticized his predecessors in power, without causing harm, that is, the metaphors in this discourse had also had a role to disarm the aggression.

**Keywords:** Conceptual Metaphors, Metaphor in Use, Critical Analysis of Metaphor, Ideology, Politeness.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>OBJETIVOS</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I : FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>14</b>
<b>1 – A Metáfora</b>	<b>14</b>
1.1 – A visão tradicional da Metáfora	15
1.2 – A visão da Teoria da Metáfora Conceptual	20
1.2.1 – Tipos de Metáfora Conceptual	26
1.3 – A visão da abordagem da Metáfora em Uso	28
<b>2 – Análise Crítica da Metáfora</b>	<b>31</b>
2.1 – A Lingüística Crítica	32
2.2 – A Análise Crítica do Discurso	35
2.3 – A Análise Crítica da Metáfora	40
2.4 – A Teoria da Polidez	47
<b>CAPÍTULO II: NELSON MANDELA E A ÁFRICA DO SUL</b>	<b>50</b>
<b>CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE ANÁLISE</b>	<b>70</b>
<b>CAPÍTULO IV: ANÁLISE DE DADOS</b>	<b>74</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>109</b>

## **Light out of Africa**

Our deepest fear is not that we are inadequate.

Our deepest fear is that

We are powerful beyond measure.

It is our light, not our darkness,

That most frightens us.

We ask ourselves: Who am I to be brilliant,

Gorgeous, talented and fabulous?

Actually, who are you not to be?

You are a child of the universe.

Your playing small doesn't serve the world.

There is nothing enlightening about shrinking

So that other people won't feel insecure around you.

We are born to make manifest

The glory of the universe that is within us

It is not just in some of us: it is in everyone.

And as we let our light shine,

We unconsciously give other people

Permission to do the same.

And as we are liberated from our own fear,

Our presence automatically liberates others.

***Nelson Mandela***

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado refere-se ao estudo, sob a perspectiva crítica e pragmática, das metáforas conceptuais e lingüísticas presentes no Discurso Inaugural de Nelson Mandela, proferido na ocasião de sua posse como presidente da África do Sul e tem como foco principal apontar as que têm sentido de portadora de ideologia e de estratégia de polidez.

Nos últimos tempos, a metáfora tem sido estudada no paradigma cognitivo. O foco de interesse das pesquisas tem se deslocado do sentido semântico das metáforas para as conceptuais subjacentes.

Lakoff e Johnson (1980/2002), maiores representantes da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), propõem um mapeamento sistemático entre dois conceitos: o domínio-fonte, que é uma fonte de inferências, e o domínio-alvo, ao qual as inferências se aplicam. Para esses autores, “A essência de uma metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (2002:47).

O crescente interesse pela pesquisa na área da metáfora advém, principalmente, da mudança de conceito que recebeu nas últimas décadas.

A visão tradicional ou aristotélica acreditava que a metáfora era, exclusivamente, objeto da poesia e da retórica e que era oriunda do coração, portanto, não poderia estar na mente, pois a mente seria literal (Carvalho, 2006:20). Assim, nessa visão a “ciência se fazia com a *razão* e o *literal*, enquanto a poesia se fazia com a *imaginação* e a *metáfora*” (Zanotto, 2002:11).

Na perspectiva interacional (Black, 1962 apud Faraco, 2008:32), a metáfora, ao associar dois domínios de área de conhecimentos diferentes, cria

um terceiro sentido, fruto da interação. Com isso, a metáfora passa a adquirir um estatuto cognitivo antes não reconhecido (KITTAI, 1987 apud Vereza, 2007:490).

Mas, a verdadeira ruptura com o paradigma tradicional deu-se com a publicação, em 1980, do livro, *Metaphors we live by*<sup>1</sup> de George Lakoff e Mark Johnson. Nele os autores mostraram a presença da metáfora em todos os níveis do discurso, inclusive no do cotidiano e a partir daí, a metáfora não seria mais uma simples figura de linguagem, mas sim uma figura de pensamento, que subjaz à linguagem e às nossas ações. Ao deslocarem a metáfora do âmbito da linguagem para o âmbito do pensamento, Lakoff e Johnson iniciaram a chamada “virada paradigmática” (Zanotto; 2002:11).

As pesquisas da metáfora na área da Lingüística Aplicada (LA) têm superado a metodologia proposta por Lakoff e Johnson (1980/2002) (Vereza, 2007:490). Os estudos realizados na área da LA têm como característica principal a contextualização de seu objeto de estudo e a valorização das áreas empíricas.

Esta visão da Metáfora em Uso pressupõe a Metáfora Conceptual como importante ferramenta na construção de significados em determinados campos do discurso. A análise desta dissertação, isto é, a de um discurso político, considerará a Metáfora Conceptual de suma importância para a consecução de seu objetivo.

Com a nova perspectiva, isto é, com a transferência da metáfora da mente para o mundo (Gibbs, 1999 apud Vereza, 2007: 491), inicia-se uma nova metodologia de análise, a Análise Crítica da Metáfora. Esta metodologia nasceu da Análise Crítica do Discurso que, por sua vez, teve como precursora a

---

<sup>1</sup> Traduzido para o português e publicada, em 2002, com o título *Metáforas da vida cotidiana*, pelo Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM), coordenado pela Profa. Dra. Mara Sophia Zanotto, orientadora desta Dissertação.

Lingüística Crítica. A Análise Crítica da Metáfora servirá como modelo de análise para esta dissertação. A escolha desta metodologia obedeceu à possibilidade de analisar a dimensão político-ideológica da figuratividade (Charteris-Black, 2004) e possibilitar, também, a combinação teórica e analítica do enfoque cognitivo com o enfoque pragmático, pois será levado em conta a figura do autor do discurso e o contexto sócio-histórico onde foi produzido.

Esta dissertação parte do pressuposto de que o uso da palavra tem o poder de transformar o contexto social (Moita Lopes, 2006: 85; Charteris-Black, 2005:13) e que as metáforas conceptuais e lingüísticas podem exercer a função de portadora da ideologia de Mandela e ao mesmo tempo servir como estratégia de polidez para criticar os seus antecessores no poder, porém, sem ofendê-los, salvaguardando, assim, as faces dos envolvidos no discurso.

#### **OBJETIVOS:**

- Identificar algumas expressões metafóricas existentes no Discurso Inaugural de Nelson Mandela.
- Interpretar as metáforas identificadas, a fim de apontar os seus sentidos semânticos e pragmáticos, considerando o contexto sócio-histórico da produção do discurso, servindo-nos da teoria metodológica da Análise Crítica da Metáfora.
- Verificar às vezes em que Mandela se serviu da Metáfora conceptual e da Metáfora Lingüística para expressar a sua ideologia e para criticar os seus antecessores no poder, porém, sem ofendê-los, isto é, servindo-se da metáfora como estratégia de polidez.

## CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*Minha luta é por uma sociedade democrática livre onde todas as pessoas de todas as raças vivam juntas em harmonia e com oportunidades iguais.*

*Nelson Mandela*

### 1. A Metáfora

Na primeira parte deste capítulo apresentaremos três diferentes formas de entendimento que recebeu a metáfora ao longo do tempo: a visão tradicional, a conceptual e a metáfora em uso. Adentraremos nessas perspectivas, ressaltando, porém, que não são as únicas teorias sobre a metáfora, mas, para compor esta dissertação são as mais relevantes.

A metáfora na visão tradicional faz parte da tradição retórica em que ela era vista apenas como ornamentação lingüística sem nenhum valor cognitivo. Era considerada uma figura própria de linguagens especiais, como a poética e a persuasiva e o uso seria indesejável para a ciência. A ciência preferia a linguagem literal, pois ela era considerada clara, precisa e determinada, portanto, a ciência se fazia com a razão e com a linguagem literal, enquanto a poesia com a imaginação e a metáfora (Zanotto et al. 2002:11).

No entanto, no final da década de 70, por meio de diversas publicações (Ortony, 1979; Reddy 1979; Lakoff & Johnson, 1980), a metáfora, de figura de linguagem passou a ser considerada como figura de pensamento, isto é, começou a ser vista como uma projeção de conceitos. A idéia central do novo paradigma é de que a cognição é o resultado de uma construção mental, ou seja, os conceitos são estruturados metaforicamente em termos de outro (Lakoff

& Johnson, 1980/2002:48); aparece aqui, então, o conceito da metáfora conceptual.

E no início desta década, surgiram os estudos da metáfora desenvolvidos no âmbito da lingüística aplicada que têm como característica a contextualização da metáfora no discurso. Essas pesquisas pressupõem que a metáfora, mesmo como figura de pensamento, manifesta-se no âmbito da linguagem em uso, e é a partir do contexto discursivo que ela pode ser mais bem compreendida (Vereza, 2007:491).

Assim, de maneira resumida, vemos que a metáfora tem sido entendida ou considerada de diferentes formas, cada perspectiva com características singulares, mas muitas vezes, ainda é a visão tradicional a que mais se apresenta quando alguém se refere à metáfora. Portanto, a nossa preocupação, a seguir, será detalhar essas teorias ou abordagens da metáfora.

### **1.1 – A visão tradicional da metáfora**

Segundo Berber Sardinha (2007:20) o termo tradicional é um rótulo vago, pois nele é possível encaixar diferentes formas de entendimento que recebeu a metáfora ao longo de vários séculos. Nesta parte da dissertação, justamente, incluiremos algumas visões que antecederam à teoria conceptual e a abordagem da metáfora em uso.

A origem etimológica da palavra metáfora vem do Grego e quer dizer *meta*= com/depois e *pherein* = carregar, clarear, isto é, “expressão ou palavra que carrega o nome de uma coisa para designar outra” (Charteris-Black 2004: 19).

Foi Aristóteles quem primeiro tratou da metáfora no mundo ocidental. Segundo ele, uma metáfora é o uso do nome de uma coisa para designar

outras. Ele dizia que a metáfora é a “transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (Aristóteles, *Arte Retórica*, III,IV,7.182), apresentando os seguintes exemplos como ilustrativos de cada caso:

1°. *Meu navio está imóvel aqui. (Gênero à espécie) “Porque estar preso à âncora é uma espécie de imobilidade” – diz o próprio filósofo.*

2°. *Certamente Ulisses realizou milhares de boas ações. (Espécie a gênero).*

3°. *Ele tirou sua vida com o bronze, com o duro bronze ele lhe arrancou a vida. (Espécie a espécie). Aristóteles explica: “Aqui tirar equivale a arrancar, que são duas formas de tirar”.*

4°. *A taça é para Baco o que o escudo é para Marte. (Analogia)*

Segundo Marques (1956:17 apud Carvalho, 2006:18), no entender de Aristóteles, “haverá analogia ou, melhor, proporção quando o segundo termo está para o primeiro assim como quarto está para o terceiro”, podendo-se então empregar o quarto no lugar do segundo e o segundo no lugar do quarto. Algumas vezes seria lícito “ajuntar, em lugar do que se fala, aquilo a que a gente se refere”. Exemplo: “A taça escudo de Baco, o escudo, taça de Marte”.

A visão tradicional considera a metáfora como uma comparação entre coisas, entre referentes. Ela é um elemento separado da linguagem, que tem a função estética, que é colocado para suprir lacunas ao dizer as coisas, ao construir um texto ou para dar mais ênfase à comparação. É uma ornamentação lingüística, por isso indesejada para fazer ciência. Para essa visão, a metáfora e outras espécies de linguagem figurada deveriam ser sempre evitadas quando se pretendesse falar objetivamente.

Esta visão, remontada a Aristóteles, apresenta a metáfora como, exclusivamente objeto da poesia e da retórica. Os estudiosos desta visão, como

Pollio (1990) e outros faziam uma distinção clara entre a linguagem poética e a linguagem do cotidiano. A primeira era vista como um dom especial dos poetas e a segunda, como a linguagem de todos, usada no dia-a-dia. Acreditava-se que o poético viria do coração, não poderia estar na mente, pois a mente seria literal (Zanotto et al, 2002: 11).

Desde os primórdios, Aristóteles afirmou que a metáfora originou-se da necessidade que o homem tinha de expressar determinadas coisas para as quais não existiam palavras. Carvalho (2006:20) afirma, citando Kilipak (1993) que Cícero, também na antigüidade, dizia que a razão da existência da metáfora era a pobreza da linguagem e afirmava que,

(...) assim como a vestimenta nasceu da necessidade de proteger o corpo do frio, para converter-se mais tarde em adorno, a metáfora, imposta no começo por causa das deficiências da língua, chegou mais tarde a ser objeto de deleites retóricos (Cícero; Quintiliano, De Oratore, III, p.38 apud Carvalho, 2006:20).

A metáfora, durante muito tempo, recebeu essa consideração. Zanotto (1995, p. 211) afirma que *“a metáfora foi tratada por muitos séculos como um ornamento, pois não acrescentava nenhuma informação nova. Era um desvio da linguagem comum, e necessária à linguagem poética e persuasiva”*.

Para Aristóteles, a metáfora também proporciona uma idéia nova, mas exige um esforço mental para encontrar o ponto em comum entre a palavra, dita literalmente, e o seu significado metafórico. Com isto, segundo Rapp, (2002 apud Berber Sardinha, 2007: 21) Aristóteles já teria sinalizado o papel cognitivo da metáfora, negando que fosse apenas um artifício vazio, mas admitindo ser ela um processo que propiciava a aprendizagem.

No decorrer do tempo, a categoria metafórica iniciada por Aristóteles foi dividida e aplicada a muitas figuras de linguagem, foi possível, segundo Berber Sardinha (2007:21), que na renascença essa classificação das figuras de

linguagem tenha se intensificado, em conformidade com a tendência da época de classificar o mundo em categorias.

Mas, somente na década de 70 apareceram teorias metafóricas concedendo à metáfora função não mais de mera ornamentação e, sim uma função cognitiva, esclarecendo que não seria ainda como a entenderia Lakoff e Johnson (1980), sobre esta posição nos referiremos mais adiante. Dessa época destacamos a teoria da substituição, a qual afirma que a função da metáfora é substituir uma expressão literal equivalente; e a de comparação, a qual afirma que o termo empregado metaforicamente poderia ser substituído pelo termo ao qual estaria sendo comparado com base na similaridade existente entre ambos e a interacional. Nesta última perspectiva nos deteremos por considerarmos mais próxima à metáfora conceptual nascida em 1980.

Para a perspectiva interacional, a metáfora, ao associar dois domínios de naturezas diversas, cria um terceiro sentido, singular, fruto dessa interação. Com isso, a metáfora passa a adquirir um estatuto cognitivo antes não reconhecido (Kittay, 1987 apud Vereza, 2007:490), ainda que esta visão tenha representado a primeira ruptura com a visão aristotélica, a consideramos como tradicional, pois ainda a metáfora é abordada a partir de seu uso na linguagem. Esta perspectiva foi apresentada por Max Black em meado do século XX. Black (1962 apud Faraco, 2008:32) diz que a metáfora possui um sentido novo que provem da interação entre o tópico (parte literal da frase) e o veículo (parte não-literal da frase) da metáfora. Segundo essa abordagem, tanto a fonte (não-literal - concreto) como o alvo (literal – abstrato) da metáfora interagem para produzir uma nova visão do mundo (Faraco, 2008:32). Segundo Black (1981 apud Carvalho, 2006:29),

o leitor ou ouvinte traria para a compreensão da metáfora um “complexo implicativo” de compreensões e crenças. Esse complexo interage através de processos mentais de seleção, mapeamento e organização, a fim de produzir um novo elemento que não pode ser parafraseado com equivalentes literais.

O predomínio da visão tradicional da metáfora, que partiu de Aristóteles e sofreu várias modificações ao longo dos séculos, justifica-se, segundo Zanotto et al (2002: 11), citando Lakoff e Johnson, pelo “mito do objetivismo”, que supõe ser possível ter acesso a verdades absolutas sobre o mundo objetivo e considera a linguagem um mero correspondente dessa realidade objetiva. Nesses termos, a metáfora não poderia ser “levada a sério”, por não ser objetivamente verdadeira. Esses mesmos autores afirmam que não seria possível resolver a questão suplantando-a pelo seu oposto, isto é, pelo mito do subjetivismo, que afirma que a maioria de nossas atividades envolve intuições nas quais confiamos (Lakoff & Johnson 1980/2002: 297). Eles propõem então uma concepção chamada experiencialista, que representará uma ruptura paradigmática na compreensão do valor da metáfora na linguagem humana. A proposta experiencialista é uma alternativa que nega tanto o objetivismo quanto o subjetivismo como as únicas escolhas.

Como já mencionamos no início deste capítulo, durante anos a metáfora era considerada apenas como um fenômeno de linguagem, ou seja, um ornamento lingüístico, artifício para embelezar a linguagem, sem nenhum valor cognitivo, e no início do século XX, alguns filósofos se interessaram em dar-lhe novos sentidos, mas somente a partir da década de 70 deu-se o que os estudiosos chamam de mudança paradigmática, “que levou” a uma reformulação profunda na maneira de conceber a objetividade, a compreensão, a verdade, o sentido e a metáfora” (Zanotto et. al. 2002: 12).

A mudança paradigmática rejeita esse pressuposto objetivista e suas implicações, recusando a possibilidade de qualquer acesso verdadeiro à realidade do ponto de vista epistemológico. Como descreve Ortony (1993) (...) “a cognição é o resultado de uma construção mental. O conhecimento da realidade, tenha sua origem na percepção, na linguagem ou na memória, precisa ir além da informação dada” (...) A metáfora passa a ter seu valor cognitivo reconhecido, mudando do status de uma simples figura de retórica para a de uma operação cognitiva fundamental. (Zanotto et. al. 2002: 13).

Esse novo paradigma dará origem à chamada Teoria Conceptual da Metáfora. A esse assunto dedicaremos especial atenção por ser um dos pontos principais que fundamentará a análise proposta por esta dissertação.

## 1.2 – A visão da Teoria da Metáfora Conceptual

A Teoria da Metáfora Conceptual está inserida na Semântica Cognitiva e esta integra a chamada Lingüística Cognitiva, que surgiu no final da década de 70 e início de 80. A Lingüística Cognitiva surgiu da crítica aos paradigmas estruturalista e gerativista, que encaravam a linguagem como um sistema autônomo e descreviam a realidade em termos de categorias discretas. O modelo estruturalista concebia a linguagem como «*um sistema que se basta a si mesmo*» (Silva 1997: 61), não levando em consideração a interação entre o falante e a realidade onde este está inserido, porque considerava o mundo que rodeia o falante como extralingüístico. Noam Chomsky, o precursor do modelo gerativista, considera a linguagem como uma faculdade autônoma da mente, independente dos restantes processos mentais. Por isso, o estudo da linguagem não se inter-relaciona com outras áreas de conhecimento.

### **A Lingüística Cognitiva segundo Silva (1997:59):**

é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

Este modelo parte da hipótese de que o ponto principal da investigação sobre a linguagem reside no significado.

A forma deriva da significação, porque é, a partir da construção de significados, que aprendemos inclusive a lógica e a linguagem. O significado, na Semântica Cognitiva emerge de dentro para fora, e por isso ele é motivado de nossas significações corpóreas, dos movimentos de nossos corpos em interação com o meio que nos circunda.

A Semântica Cognitiva privilegia dois mecanismos, a metáfora e a metonímia. A metáfora não é entendida como recurso poético, mas sim como um recurso de organização e produção cognitiva. A metáfora, para a Semântica Cognitiva, é um processo cognitivo que permite o mapeamento de esquemas, apreendidos diretamente pelo nosso corpo, cuja experimentação é indireta. A metáfora, na visão cognitiva, é um conceito estruturado a partir de outro. Ela é formada por um conceito origem (fonte), de onde parte a produção de sentido, e um conceito alvo, que recorre ao significado anterior.

Assim, a linguagem é entendida como um domínio cognitivo que se relaciona com diferentes áreas de conhecimento, como a Psicologia, a Antropologia ou as Neurociências, proporcionando-se, assim, um estudo interdisciplinar, com o objetivo de contribuir para o aprofundamento do conhecimento da cognição humana. Nesse sentido, vemos que a linguagem não se restringe a uma mera faculdade comunicativa, ela é, principalmente, uma forma de conceptualizar a realidade e de refletir essa conceptualização. (Silva, 1997:59).

Em 1979, Michael Reddy deu início a um estudo, selecionando um grande número de enunciados que os falantes de língua inglesa usavam para falar da comunicação e percebeu que esses enunciados podiam ser organizados em quatro categorias que constituíam o arcabouço principal que seria denominado de metáfora do canal, pois esses enunciados evidenciavam que:

- (1) a linguagem funciona como um canal, transferindo pensamento corporeamente de uma pessoa para outra;
- (2) na fala e na escrita, as pessoas inserem seus pensamentos e sentimentos nas palavras;
- (3)

as palavras realizam transferência ao conter pensamentos e sentimentos e conduzi-los às outras pessoas; (4) ao ouvir e ler, as pessoas extraem das palavras os pensamentos e os sentimentos novamente. (Reddy 1979 apud Zanotto et al. 2002: 16).

E, a **Teoria da Metáfora Conceptual** desenvolvida por Lakoff e Johnson tem como base, justamente esse artigo escrito por Reddy, em 1979, no qual o autor introduz o conceito de “metáfora do canal”, que seria um tipo de metáfora conceptual (Zanotto et al. 2002: 17).

A publicação do livro *Metaphors we live by* (Metáforas da Vida Cotidiana)<sup>2</sup>, do lingüista George Lakoff e do filósofo Mark Johnson, em 1980 representou a ruptura com a visão tradicional da metáfora, dando destaque à sua natureza conceptual e como exercendo grande poder de influência no pensamento e na ação humana. Portanto, nesse, paradigma, a metáfora integra não só a linguagem poética, mas também a linguagem cotidiana e de várias áreas do conhecimento.

Para esta teoria a metáfora pertence primeiramente ao domínio do pensamento, e só depois à linguagem (Lakoff, 1993:208 apud Carvalho, 2006:32), sendo, portanto, um mecanismo na compreensão e explicação da cognição humana.

A Teoria da Metáfora Conceptual propõe um mapeamento sistemático entre os conceitos denominados (a) domínio-fonte e (b) domínio alvo, o primeiro é uma fonte de inferências e ao segundo as inferências são aplicadas. Para os autores dessa teoria, “A essência de uma metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (Lakoff & Johnson, 1980/2002:47).

Os próprios autores exemplificam com a seguinte metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM, neste caso temos um conhecimento sistematicamente

---

<sup>2</sup> Livro traduzido pelo Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM) em 2002.

organizado sobre o domínio conceptual VIAGEM, que nos serve de apoio para compreender o domínio conceptual AMOR. Portanto, chama-se metáfora conceptual porque ela conceptualiza algo, nesse caso, O AMOR. E são representados com letras maiúsculas.

Esta teoria defende a estruturação de um conceito a partir de outro ou definição de algo em termos de outra coisa; no exemplo acima é possível perceber a conceituação do amor em termos de viagem. Conceitua-se o amor a partir do conceito de viagem, pois, quando amamos, seguimos algumas rotinas e conceptualizamos sistematicamente o amor como uma viagem. Servimo-nos da nossa experiência cotidiana com viagens para conceptualizar o amor em termos de trajetória, partida, despedida e chegada. Por exemplo, utilizamos as seguintes metáforas lingüísticas: (1) Decidimos tomar *caminhos distintos*, pois a nossa relação acabou; (2) Nosso casamento *está indo* de mal a pior; (3) O casamento dela *afundou*.

Lakoff e Johnson (1980/2002:47) fazem uma distinção importante entre metáfora conceptual e metáfora lingüística. Uma expressão metafórica consiste numa expressão lingüística que veicula uma metáfora conceptual, isto é, trata-se de uma manifestação de um pensamento metafórico. Por outro lado, a metáfora não é uma expressão lingüística, mas antes um mecanismo que consiste em imagens mentais que nos permitem estabelecer projeções entre domínios distintos, que, ao nível lingüístico, se podem realizar de várias maneiras.

*A metáfora conceptual refere-se às noções abstratas, como a percepção de aumento expressa em MAIS É PARA CIMA e a emoção de amar em AMOR É UMA VIAGEM. A metáfora lingüística remete às expressões lingüísticas que representam tais noções, como, no caso de MAIS É PARA CIMA, a expressão A inflação está subindo e, no caso de AMOR É UMA VIAGEM, a expressão O nosso namoro não vai dar em lugar nenhum (Ferreira, 2008:268).*

Na visão conceptual, a metáfora passa de uma simples figura de retórica para uma operação cognitiva fundamental. Assim, a concepção de metáfora

como desvio da linguagem e pertencente a linguagens especiais, como a poética e a persuasiva, perde a consistência teórica, pois a idéia central desse paradigma “é de que a cognição é o resultado de uma construção mental” (Ortony, 1993:1-2, apud Zanotto, 2002:13).

Assim, Zanotto et al (2002:21) comentando Lakoff e Johnson (1980), afirma que a metáfora não é mais considerada algo desviante, marginal ou periférico, mas sim um fenômeno central na linguagem e no pensamento, sendo onipresente em todos os tipos de linguagem, na cotidiana e científica inclusive.

Dessa forma os autores põem em questão a visão objetivista que diferencia entre o que é literal e o que é metafórico, porque para eles grande parte dos enunciados da linguagem cotidiana é metafórica, e o literal é reservado somente para as expressões que não são compreendidas por meio da metáfora conceitual; para esses mesmos autores, interpretamos nossa realidade por meio das metáforas.

Segundo Lakoff e Johnson (1980/2002:294), os mitos do objetivismo e do subjetivismo não mostram que o mundo possa ser entendido por meio da interação com o mundo. Pois, se por um lado, o objetivismo pressupõe que existe um mundo totalmente independente do homem, por outro, o subjetivismo acredita que o homem é independente do mundo; se para o objetivismo há uma verdade absoluta e incondicional, para o subjetivismo a verdade só é obtida através da imaginação, sem interferência do mundo externo (*ibid*:294). Portanto, eles rejeitam tanto o objetivismo como o subjetivismo:

Rejeitamos a concepção objetivista de uma verdade absoluta e incondicional, sem adotar a alternativa subjetivista de verdade obtidas apenas por meio da imaginação não restringida por circunstâncias externas (Lakoff & Johnson, 1980/2002:302).

Ao relacionar os dois mitos e a metáfora, é possível perceber que, para o objetivismo, esse tropo deve ser evitado porque seus significados não são

precisos e, portanto, não correspondem à realidade. A realidade só é expressa por meio da linguagem literal. Por outro lado, a metáfora, segundo o subjetivismo, é a linguagem da imaginação, e, por conseguinte, necessária para expressar os aspectos únicos e significativos de nossa experiência.

Lakoff e Johnson (1980/2002:294) propuseram uma terceira opção aos mitos do objetivismo e do subjetivismo, que vem a ser uma conciliação das duas perspectivas; por um lado, a perspectiva de subjetividade que não implicasse a noção de sujeito subjacente ao mito do subjetivismo, isto é, um sujeito “intuitivo”, autônomo, que chega, através de emoções, às realidades espirituais e emocionais autônomas também, por outro, a alternativa que, promovesse uma visão que, ao contrário de excluir o sujeito do real que o circunda, como no caso do objetivismo, propusesse uma relação dialética entre sujeito e realidade, a construção do outro por meio da experiência do homem no mundo concreto onde vive.

Essa saída será denominada por Lakoff e Johnson de **experencialista**, nela os autores afirmam que a metáfora é o ponto de união entre a razão e a imaginação. “A metáfora é, pois, uma racionalidade imaginativa” (Lakoff & Johnson, 1980/2002:302).

A visão experencialista concebe o ser humano como parte de seu meio, com o qual tem uma interação constante, negociando subjetividade e objetividade e como consequência obtém o entendimento.

O entendimento para este ponto de vista tem uma perspectiva abrangente nas áreas de nossa experiência diária, assim o explicam Lakoff e Johnson (1980/2002:349-356):

Iniciam referindo-se à **Comunicação interpessoal e entendimento mútuo**, onde afirmam que o entendimento se faz por meio de negociação do

significado, respeitando as diferenças. Depois refere-se à **auto-compreensão**, que pressupõe entendimento mútuo, servindo-nos de nossas interações com o meio físico cultural e inter-pessoal com o auxílio das metáforas pessoais, que fazem sentido em nossas vidas. O **Ritual**, “gestalt” vem a ser uma seqüência coerente de ações estruturadas de acordo com as dimensões naturais de nossa experiência. As metáforas culturais ou pessoais surgem nas ações costumeiras. A **Experiência estética**, neste caso, a metáfora permite o entendimento de um tipo de experiência por meio de outro, e toda experiência nova cria novas realidades através da racionalidade imaginativa. Por último a **Política**, que é sempre determinada metaforicamente, assim como as ideologias e a economia, pois escondem um aspecto da realidade em virtude de outros.

### 1.2.1 - Tipos de Metáforas Conceptuais

Partindo da visão da teoria da metáfora conceptual, Lakoff e Johnson (1980/2002) descrevem três tipos diferentes da metáfora: as estruturais, as orientacionais e as ontológicas. Os diferentes tipos obedecem às funções que elas desempenham. Lakoff e Johnson (1980/2002:134) apontam que todos os tipos fundamentam-se em correlações sistemáticas encontradas em nossas experiências.

- a) **As metáforas estruturais**, segundo Lakoff e Johnson (1980/2002:134), são aquelas em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro, isto é, quando nos servimos de um conceito concreto para falar de outro mais abstrato. Um exemplo disso seria a metáfora AMOR É UMA VIAGEM, em que utilizamos do campo semântico *viagem* para falar sobre *amor*. Aqui foi utilizado o campo semântico *viagem* para falar sobre o *amor*. As metáforas estruturais, segundo os mesmos autores, nos permitem fazer muito mais do que simplesmente orientar conceitos, nos referirmos a eles, quantificá-los, etc.; elas nos possibilitam

usar um conceito altamente estruturado e claramente delineado para estruturar outro (Lakoff & Johnson, 1980/2002:134).

- b) As metáforas orientacionais** são as que organizam um sistema de conceitos em relação a outro, difere da *estrutural* por não organizar nenhum conceito em termo de outro. As orientacionais partem da nossa orientação corporal no espaço, tais como para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima – em baixo, central – periférico, fundo – raso, são as que dão um conceito orientacional espacial como BOM É PARA CIMA, MAU É PARA BAIXO (Lakoff & Johnson, 1980/2002:59).

Lakoff e Johnson (1980/2002:129) apontam:

Embora uma estrutura conceptual claramente delineada para espaço venha do nosso funcionamento motor-perceptivo, nenhuma estrutura conceptual claramente delineada para as emoções vem exclusivamente do nosso funcionamento emocional. Uma vez que há correlações sistemáticas entre nossas emoções (tais como felicidade) e nossas experiências sensoriais e motoras (tais como postura ereta), elas formam as bases dos conceitos metafóricos orientacionais (tais como FELIZ É PARA CIMA).

- c) As metáforas ontológicas**, que são também chamadas por Lakoff e Johnson (1980/2002:75) metáforas de entidade e de substâncias. Elas são motivadas pela nossa experiência com os objetos físicos. Nelas, um conceito abstrato é transformado em entidades, objetos ou substâncias, ou seja, são formas de conceber eventos, atividades, emoções, idéias etc., como substâncias e entidades. Por exemplo, o *dia* pode ser expresso como um objeto, um recipiente, quando dizemos *Tive um dia cheio*; ou *o dia é vazio para ela*. Assim, temos a metáfora ontológica O DIA É UM RECIPIENTE.

Carvalho (2006:39) comenta, citando Lakoff e Johnson (1980/2002), que as metáforas *ontológicas* nos capacitam a ver uma estrutura mais delineada em conceitos onde existe muito pouca ou praticamente

nenhuma estrutura. Lakoff e Johnson (1980/2002:76) afirmam que “essas metáforas servem a vários propósitos e as diferenças que existem entre elas refletem os diferentes fins”. Os próprios autores exemplificam, comentando que, a experiência de aumento de preços por meio da palavra *inflação*, pode ser vista como uma entidade – INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE:

- 1) *A inflação está abaixando* o nosso padrão de vida.
- 2) Se houver muito *mais inflação*, nós nunca sobreviveremos.
- 3) Precisamos *combater a inflação*.

As metáforas ontológicas são usadas, também, para compreendermos *eventos, ações, atividades e estados*. *Eventos e ações* são metaforicamente conceptualizados como *objetos, atividades* como *substâncias, estados* como *recipientes* (Lakoff & Johnson 1980/2002:83).

### 1.3 – A visão da abordagem da Metáfora em Uso

A abordagem da metáfora em uso, também denominada metáfora sistemática, apresentada pela educadora inglesa Lynne Cameron, por volta do ano 2000, nasceu, segundo Berber Sardinha (2007:38), motivada pelo ceticismo em relação à teoria da metáfora conceptual e devido à maior disponibilidade de dados sobre o uso da linguagem, principalmente em formato digital (*corpora* eletrônicos), o que permite, com o uso de programas de computador adequados, a percepção da sistematicidade do uso da metáfora em sua plenitude (Berber Sardinha, 2007:43).

Um dos questionamentos levantados referente à Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), defendida por Lakoff e Johnson, refere-se à primazia dada à metáfora conceptual sobre a metáfora lingüística, isto é, a TMC parte do nível conceptual, da mente, em direção ao uso, e não do conhecimento empírico à generalização conceptual.

Segundo Vereza (2007:490), muito do material lingüístico utilizado para os estudos feitos por Lakoff e Johnson (1980/2002) está composto por exemplos não reais de uso, mas inventados. A mesma autora alega que se as amostras forem autênticas de linguagem em uso, a sua legitimidade e sua eficácia, tanto como objeto de estudo, como evidências explicativas, podem ser garantidas. Este será, segundo Berber Sardinha (2007:38), o principal ponto desta abordagem, isto é, a primazia dada à metáfora em uso.

A abordagem da metáfora em uso pressupõe que mesmo sendo uma figura de pensamento, a metáfora manifesta-se no âmbito da linguagem em uso, e é a partir do contexto discursivo que ela pode ser mais bem compreendida (Vereza, 2007:490).

Ainda a respeito do primeiro motivo apontado como o nascimento desta abordagem, para os adeptos desta linha de interpretação há na teoria da metáfora conceptual alegações sobre o funcionamento da mente que não foram esclarecidas suficientemente, como exemplo de que todas as pessoas acionam a mesma metáfora conceptual independentemente do contexto (Berber Sardinha, 2007:44). O mesmo autor afirma que para a abordagem da metáfora em uso os mapeamentos são emergentes, não previsíveis e construídos em contextos específicos; diferentemente ao da TMC, que pressupõe os mapeamentos entre os domínios estáveis e previsíveis.

Berber Sardinha (2007:38-41) aponta quatro conceitos principais desta abordagem:

No primeiro, ele a define como “um grupo de termos ligados semanticamente (em conjunto com seus sentidos e seu afeto) de um domínio de Veículo que são usados para falar sobre um conjunto conexo de idéias de Tópico durante um evento discursivo” (Cameron, 2005:1 apud Berber Sardinha 2007:38). Portanto, é uma formulação metafórica abstrata que resume uma série

de metáforas lingüísticas usadas por um indivíduo de pessoas em determinado contexto.

O segundo conceito apontado é a **metáfora lingüística**, que é definido como uma unidade de sentido – na escrita vem a ser a oração; na fala, o enunciado – usada metaforicamente. Ainda acrescenta que uma metáfora lingüística pode ou não ter sido entendida como metáfora, isto é, pode não ter sido processado na mente do ouvinte ou do leitor como tal. Mas o analista de metáfora considera um uso como metafórico, independente de saber se as pessoas envolvidas na interação realmente a interpretaram metaforicamente aquele uso.

O outro conceito é a **metáfora processual**, que é definido como uma palavra, expressão ou frase que sabemos ter sido entendida metaforicamente por alguém. Portanto, segundo Berber Sardinha (2007:41) processual refere-se ao processamento mental.

O último conceito apontado é a **metaforema**, que é definida por Cameron (2005:1 apud Berber Sardinha 2007:41) como um conjunto de regularidades de forma, conteúdo, afeto e pragmática, em torno de uma palavra ou colocação, que subjaz a uma metáfora lingüística. Portanto, metaforema é uma metáfora lingüística que possui uma forma estável e recorrente e se associa regularmente com um sentido semântico e pragmático. Este conceito serve para explicar a relação recorrente entre uso e sentido de uma metáfora, algo que o termo existente não exprime com clareza.

Ainda, como um outro item deste capítulo, que nos ajudará para a interpretação das metáforas presentes no Discurso Inaugural de Nelson Mandela, temos a **visão pragmática da metáfora**, que considera importante a significação do enunciado, que não quer dizer o significado da frase, mas o significado do falante. Numa metáfora, o que é dito aparentemente viola uma ou

mais máximas da conversação, por exemplo, algo é claramente falso, ou absurdo, ou trivialmente verdadeiro. Ao identificar o desvio em relação ao significado literal, o ouvinte vai inferir o que o falante pretende comunicar.

Trata-se, portanto, de uma aplicação das hipóteses de Grice sobre o que é dito e as implicaturas. Basicamente, a teoria pragmática desenvolvida por Searle pretende explicar as metáforas com base na noção de ato de fala indireto. No caso da metáfora, e tendo em conta os exemplos mais simples, ao dizer “*S é P*” implica que “*S é R*”. Para dar conta do aspecto sugestivo de muitas metáforas, Searle propõe que há casos em que um enunciado metafórico pode dar origem a um número indeterminado de implicaturas “*S é R1*”, “*S é R2*”, “*S é R3*”.

## **2 – Análise Crítica da Metáfora**

A análise Crítica da Metáfora (ACM) é uma abordagem de análise proposta por Charteris-Black, com alguma influência, segundo Vereza (2005 apud Carvalho, 2006:65), da Análise Crítica do Discurso (ACD) desenvolvido por Fairclough em 1989 e tem como objetivo, segundo o próprio Charteris-Black (2004:34), “revelar as intenções encobertas (e possivelmente inconsciente) dos usuários da língua”.

Neste capítulo abordaremos as teorias subjacentes ou que deram origem à ACM. Vamos nos ocupar em definir e caracterizar (1) a Lingüística Crítica que deu origem à (2) Análise Crítica do Discurso (ACD) que, por sua vez, influenciou o aparecimento da (3) Análise Crítica da Metáfora (ACM).

### **2.1 – A Lingüística Crítica**

A Lingüística Crítica (L.C.) emergiu no final dos anos 70, como “uma lingüística instrumental, desenvolvendo uma análise do discurso público criada

para chegar à ideologia codificada implicitamente por detrás de proposições abertas, em particular no contexto das formações sociais” (Fowler & Kress, 1979). O termo *Linguística Crítica* (*Critical Linguistics*) foi usado pela primeira vez, especificamente, em 1979 por Roger Fowler e Gunther Kress para designar um capítulo do livro *Language and Control*, que também teve como autores Robert Hodge e Tony Trew, todos eram da Universidade de East Anglia, Norwich, Grã-Bretanha. Este livro teve repercussão entre os lingüistas e pesquisadores da linguagem. Os autores do referido livro tinham a preocupação de demonstrar com suas análises, que os grupos e as relações sociais influenciam o comportamento lingüístico e não-lingüístico dos sujeitos, incluindo a sua atividade cognitiva. Do resultado da análise desses teóricos temos, por exemplo, que a sintaxe pode codificar uma visão do mundo particular, sem qualquer escolha consciente por parte dos falantes; ao mesmo tempo, sendo derivado da relação dos falantes têm com as instituições e a estrutura sócio-econômica das sociedades de que fazem parte que lhe é confirmada pela ideologia dessas mesmas sociedades (Fowler & Kress, 1979:85).

A LC vem criticar o dualismo existente entre a crença de que o significado pode ser separado do estilo ou expressão e a validação da separação entre a estrutura e o uso lingüístico. Fowler et al. (1979) defendem que a capacidade lingüística de produção de significado é um produto da estrutura social. Os mesmos autores afirmam, se o significado lingüístico é inseparável da ideologia, estando ambos dependentes da estrutura social, então a análise lingüística deverá ser um instrumento precioso para o estudo dos processos ideológicos que mediam as relações de poder e de controle (Fowler & Kress, 1979:186). Portanto, apesar das críticas recebidas, é herança deste projeto o principio fundamental de que a linguagem é uma prática social, para os autores da abordagem da LC a linguagem não se encontra separada da sociedade, como se fossem dois fenômenos independentes. A linguagem, para Fowler et. al., faz parte da sociedade, a linguagem é uma prática social e, como tal, é um dos mecanismos pelos quais a sociedade se reproduz e se auto-regula.

“A Lingüística Crítica nasceu a partir da conscientização de que trabalhar com a linguagem é necessariamente intervir na realidade social da qual ela faz parte. Linguagem é, em outras palavras, uma prática social” (Rajagopalan, 2007:18).

Sendo assim, entendemos que a linguagem permeia todos os setores da sociedade e tem como campo privilegiado a política, pois a ação política está ligada diretamente ao trabalho lingüístico.

(...) a linguagem constitui-se em importante palco de intervenção política, onde se manifestam as injustiças sociais pelas quais passa a comunidade em diferentes momentos da sua história e onde são travadas as constantes lutas. A consciência crítica começa quando se dá conta do fato de que é intervindo na linguagem que se faz valer suas reivindicações e suas aspirações políticas. Em outras palavras, toma-se consciência de que trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente, com toda a responsabilidade ética que isso acarreta (Rajagopalan, 2007:16)

A LC, também galga pelo caminho da interdisciplinaridade, segundo Gouveia (2002:338), por exemplo, usa o conceito da *modalidade* própria da gramática sistêmico-funcional, o da *transformação*, que é da gramática gerativa, o *ato de fala* da pragmática, assim como também, redefine o seu objeto de estudo que lhe permite utilizar noções usadas em outras áreas de estudo, como, por exemplo, a noção de discurso, já utilizada na área de análise do discurso, a LC vem enriquecer o seu conceito.

Gouveia (2002:339), nesse sentido, também aponta que os analistas/lingüistas críticos partilham com os analistas de discurso uma concepção de discurso que engloba a noção de fragmento/parte/instancia de uso da linguagem. Para os analistas de discurso, segundo o mesmo autor, a noção de discurso remete à noção de uso lingüístico, ao passo que, para os analistas críticos o discurso é concebido como uma prática social em relação a outras práticas sociais e é socialmente determinada. “Os lingüistas críticos

partem do pressuposto inicial de que as nossas falas são atravessadas pelas conotações político-ideológicas” (Rajagopalan, 2007:19).

A incorporação de diferentes contribuições, sem ser da área da lingüística, com o intuito de formular uma teoria geral dos processos discursivos, da construção e circulação do significado foram os momentos de desenvolvimento da Lingüística Crítica, isto é, foi o momento da passagem da lingüística crítica para a análise crítica do discurso.

Defendendo a validade da teoria que ajudaram a afirmar na década de 70, Hodge & Kress (1988: Vii apud Gouveia, 2002: 343) reconhecem, porém, que a mesma, no seu escopo, padece de algumas limitações intrínsecas que convém rever se se quiser constituir uma teoria crítica da linguagem. Assim, segundo Gouveia, (2002:343), os textos e a estrutura lingüística constituíam o ponto de partida para a análise, Agora, a necessidade de fazer das estruturas e dos processos sociais, das mensagens e do significado o ponto de reflexão a partir do qual a análise dos sistemas de significado deve ter lugar.

Assim, Fairclough (1985 apud Gouveia, 2002:344) e Hodge & Kress (1988 apud Gouveia, 2002:344), começaram a afastar-se do projeto inicial da lingüística crítica e a procurar modelos de referência mais abrangentes para a teoria. Sobretudo para o entendimento do fenômeno lingüístico. Daí a necessidade de acompanhar o crescimento e o alargamento no escopo da teoria e de alterar, também, a designação da área que definitivamente erradica a lingüística do seu âmbito: a lingüística crítica dá assim lugar numa das suas vertentes, à Análise Crítica do Discurso (ACD)

## **2.2 – Análise Crítica do Discurso**

Em 1985, Norman Fairclough publica um artigo intitulado “*Critical and Descriptive Goals in Discourse Analysis*” no *Journal of Pragmatics*, este artigo de

Fairclough marcou o primeiro momento de uma linha de investigação que tem o seu momento de auge em 1992, com a publicação de *Discourse and Social Change*. No artigo de 1985, segundo Gouveia, (2002: 342), encontramos, por um lado, uma reivindicação da semelhança com a LC e, por outro, de recusa de confluência de princípios, metodologia e objetivos.

Nesse sentido, Magalhães (2005:3), citando Fowler 1996 e Fairclough 2001, afirma que se considerarmos a ACD como uma simples continuação da LC, certamente deixaríamos de lado questões que podem ser fundamentais para ACD, tanto em termos teóricos como metodológicos, pois ela:

estuda textos e eventos em diversas práticas sociais, propondo uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sócio-histórico. Enquanto a LC desenvolveu um método para analisar o discurso público, a ACD foi além, desenvolveu o estudo da linguagem como prática social, com vistas à investigação de transformações na vida contemporânea.

Um outro marco, segundo Pedrosa (2005:1), para o estabelecimento dessa nova corrente na Lingüística foi a publicação da revista de Van Dijk, "*Discourse and Society*", em 1990. Também é importante observar, como apontado por Gouveia (2002:343) que, entre a publicação de Fairclough de 1985 e a de Van Dijk de 1990, houve outras importantes publicações como os livros: "*Language and power*", de Norman Fairclough, em 1989; "*Language, power and ideology*", de Ruth Wodak, em 1989; e a obra do mesmo Teun van Dijk sobre racismo, "*Prejudice in discourse*", em 1984.

Vale lembrar que em janeiro de 1991, em Amsterdã, houve um simpósio que foi de suma importância para o desenvolvimento da Análise Crítica do Discurso, nova perspectiva da linguagem, recém apontada na época, pois aí foram apresentados os diferentes enfoques, porém, como diz Pedrosa (2005:1), estreitamente inter-relacionados. Nesse simpósio estiveram vários lingüistas que

hoje são de suma importância para ACD, eles foram: Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunter Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak.

A ACD ocupa-se de estudar a linguagem como prática social, no qual o contexto exerce uma função de extrema importância. Portanto, o foco de sua análise direciona para a relação existente entre a linguagem e o poder. Segundo Wodak (2003 apud Pedrosa 2005:4):

é possível defini-la como uma disciplina que se ocupa, fundamentalmente, de análises que dão conta das relações de dominação, discriminação, poder e controle, na forma como elas se manifestam através da linguagem. Nessa perspectiva, a linguagem é um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente.

A ACD é uma forma de ciência crítica que foi concebida como ciência social destinada a identificar os problemas que as pessoas enfrentam em decorrência de formas particulares da vida social e destinada, igualmente, a desenvolver recursos de que as pessoas podem se valer a fim de abordar e superar esses problemas (Fairclough, 2003:185)

A ACD interessa-se por um trabalho interdisciplinar, a fim de verificar o entendimento adequado da maneira como a linguagem atua. Assim, observa a manifestação da linguagem na constituição e na forma como passa o conhecimento, na organização das instituições sociais e no exercício do poder. Dessa forma, a teoria da linguagem busca a questão do poder como condição essencial da vida em sociedade. Justamente por isso, os analistas críticos do discurso preocupam-se em apresentar essa dimensão como fundamental. “A ACD se interessa pelos modos em que se utilizam as formas lingüísticas em diversas expressões e manipulações do poder” (Wodak, 2003: 31).

A Análise Crítica do Discurso (ACD), que enfoca a língua como prática social e o discurso como modo de ação das pessoas (sobre o mundo e sobre

outras pessoas), bem como forma de representação de significado (que constitui e constrói o mundo), tal como propõe Fairclough (2001 apud Silva 2005: 94), embasa esta dissertação, que analisa as funções cognitiva, ideológica e interacional da Metáfora num discurso proferido num contexto real, por uma pessoa real e para um povo real.

Ela é uma ciência crítica da linguagem que toma esta como forma de prática social e se interessa pelas relações entre o texto e as relações assimétricas de poder.

Há vários enfoques teóricos e analíticos sobre o discurso, mas encontramos a ACD de Norman Fairclough (1989) como a principal linha teórica que estuda o discurso sob uma perspectiva política e ideológica.

Fowler (1991: 89), ao referir-se à Lingüística Crítica, afirma que uma análise que usa as ferramentas lingüísticas apropriadas e que se refere a um contexto histórico e social relevante, pode trazer à tona uma ideologia que normalmente está escondida na habitualidade do discurso. Esta dissertação, ao analisar as metáforas lingüísticas e conceptuais, presentes no discurso inaugural de Mandela, considerará a teoria da Análise Crítica da Metáfora e a abordagem da Metáfora em Uso como ferramentas lingüísticas adequadas e terá em conta o contexto sócio-histórico da África do Sul, onde foi proferido o discurso a ser analisado.

Segundo Fairclough (2001: 91), a ACD firma-se como “ciência crítica sobre a linguagem (ressaltada como forma de prática social) e tem como propósito o debate teórico e metodológico do discurso e ainda, segundo o mesmo autor, “é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros”.

E poderíamos indagar: Por que crítica? Segundo Fairclough (1989:5)

a crítica é frequentemente usada para se referir às perspectivas teóricas e metodológicas que objetivam alterar a ordem social e

política existentes (...) é usada no sentido especial de apontar conexões que possam estar ocultas às pessoas – tais como as conexões entre linguagem, poder e ideologia.

Fairclough (1989:05) define dois objetivos para a ACD:

- a) O primeiro (mais teórico), “corrigir o grande descaso em relação à significação da linguagem na produção, manutenção e mudança nas relações sociais do poder”.
- b) O segundo (mais prático), “aumentar a conscientização de como a linguagem contribui para o domínio de algumas pessoas sobre as outras, tendo em vista que a conscientização é o primeiro passo para a emancipação”.

Com relação ao foco da ACD, Chouliaraki e Fairclough (1999:16 *apud Magalhães 2005: 04* ), lembram o seguinte:

Vemos a ACD trazendo uma variedade de teorias ao diálogo, especialmente teorias sociais, por um lado, e teorias lingüísticas, por outro, de forma que a teoria da ACD é uma síntese mutante de outras teorias; não obstante, **o que ela própria teoriza em particular é a mediação entre o social e o lingüístico**<sup>3</sup> – a ‘ordem do discurso’, a estruturação social do hibridismo semiótico.

Portanto, a ACD focaliza a linguagem como prática social. Segundo Magalhães (2000 *apud Magalhães 2005:05*) “a linguagem não é meramente o reflexo da vida social, o que significaria um lugar para a sociedade e um outro para a linguagem”. E como vimos, para a ACD, o lingüístico é social. Segundo Kress (1989 *apud Magalhães, 2005:05*). “isso significa que agimos discursivamente, como também representamos discursivamente o mundo (social) a nossa volta”.

---

<sup>3</sup> O negrito é nosso, a fim de destacar a expressão.

Por isso dizemos que a ACD é aberta, porque permite ação a seus praticantes e, dessa forma, eles podem moldar ou transformar o contexto a seu redor, de uma maneira democrática e polida, evitando com isso maiores constrangimentos.

Devido a seu trânsito nas áreas sociais, culturais e pós-coloniais, Chouliaraki e Fairclough (1999) argumentam que a “ACD, pode ao mesmo tempo, possibilitar uma maior atenção às vozes do discurso e uma focalização maior quanto ao aspecto discursivo da prática social”, e no nosso caso, na análise de um discurso político.

O processo discursivo, segundo Fairclough (2001:101) é constituído por três dimensões:

O texto, a prática discursiva e a prática social, sendo que o texto pode ser também denominado ‘descrição’, a prática discursiva denominada de ‘interpretação’ e a prática social de ‘explicação’. Portanto, analisar um discurso, seria esquadrihá-lo através dessas três dimensões por meio de três formas, a descrição do texto, a interpretação e a explicação da prática social. O trabalho do analista é investigar o discurso com base na interligação dessas dimensões do processo.

Com base na citação acima, no caso específico desta dissertação, consideramos indispensável verificar como foi escrito o discurso de Nelson Mandela, a estrutura do mesmo, enfim, o que ele diz para, a partir daí, interpretarmos a intencionalidade, isto é, o que quer dizer, neste caso específico ao proferir as metáforas, e por último, explicar tendo em conta o contexto sócio-histórico onde foi proferido o discurso.

### **2.3 – A Análise Crítica da Metáfora**

De acordo com Vereza (2007:491), a Análise Crítica da Metáfora (ACM) “investiga a dimensão político-ideológica da figuratividade”. A ACM é uma abordagem de análise desenvolvida por Charteris-Black, tendo como base a

Lingüística Crítica (LC) e, principalmente a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough sistematizado em 1989. ACM, por exemplo, partilha com a LC e com ACD o seu objetivo, isto é, “revelar as intenções encobertas (possivelmente inconscientes) dos usuários da língua” (Charteris-Black, 2004:25). Fowler & Kress, (1979), referindo-se à LC afirmaram “(...) uma análise do discurso público criada para chegar à ideologia codificada implicitamente por detrás de proposições abertas (...)”. E Fairclough (1989:5) - ao explicar o porquê da abordagem de Análise do Discurso desenvolvido por ele ser uma Análise ‘Crítica’ do Discurso – afirma: “porque aponta conexões que possam estar ocultas às pessoas, tais como as conexões entre linguagem, poder e ideologia”. Portanto, no caso da LC e da ACD, é possível perceber a preocupação pelo que pode haver atrás das proposições puramente textuais, e no caso da ACM a preocupação não está somente em entender a metáfora no seu sentido semântico, mas também no sentido cognitivo e pragmático.

Uma análise crítica da metáfora, tendo em conta o seu contexto poderá revelar como ela influencia o julgamento de valores dos produtos do discurso e nos levará à compreensão das suas ideologias (Charteris-Black, 2004:26). No caso específico desta dissertação tentará interpretar as metáforas conceptuais e lingüísticas a fim de revelar o não dito e apontar a ideologia do autor do discurso.

Carvalho (2006:66) aponta que quando um político usa coerentemente as metáforas pode crer que elas são simplesmente palavras ou expressões que servem para descrever com precisão a natureza do fenómeno político. Mas, hoje, com o aparecimento do paradigma cognitivo do estudo da metáfora, é possível dizer que elas, empregadas em partes significativas de um texto, podem revelar realidades e servir de base de motivação para as ações.

De acordo com Charteris-Black (2005:20):

(..) as metáforas se fazem presentes nos discursos políticos por omitirem importantes aspectos do que é real, persuadirem por meios pacíficos e refletirem um sistema compartilhado de crenças sobre o mundo e sobre o lugar da humanidade nesse mundo.

(Charteris-Black, 2004:26) defende que a metáfora não pode ser definida por um único critério, pois ela é um conceito relativo. E, afirma ainda, que ao definir a metáfora devemos ter em conta critérios lingüísticos, cognitivos e pragmáticos. Aponta, também, que uma das limitações da análise da metáfora cognitiva que não leva em conta a pragmática considerará como única motivação para o uso da metáfora a base experiencial subjacente, e será inconsciente. Por outro lado, uma visão pragmática dirá que os falantes se servirão da metáfora para persuadir.

“Análise Crítica da Metáfora pressupõe, ao contrário da análise puramente cognitiva, uma visão de ideologia, por um lado, e de persuasão, por outro, sendo que ambas as instâncias são características essenciais do discurso político” (Charteris-Black, 2005 apud Carvalho, 2006:65).

Nesse sentido ainda o mesmo autor, em outro texto, afirma:

tentaremos entender como as inter-relações entre os vários níveis de análise da metáfora dão suporte ao modelo cognitivo da metáfora. Porém, é necessário tentar compreender também como a Análise Crítica da Metáfora suplementa a vista semântico-cognitiva somada por escolhas particulares de metáforas em diferentes tipos de discurso lidando com um determinado modelo de discurso (...) (Charteris-Black (2007:144)

Carvalho (2006:65), tendo como base posições de Charteris-Black, (2005) afirma que:

(...) em discursos planejados, muito do pensamento é lingüística e pragmaticamente traduzido pelas metáforas que são escolhidas para formar o quadro geral do tema a ser abordado. Em conversas espontâneas, a grande parte da linguagem figurada usada resulta de

processos cognitivos inconscientes subjacentes, enquanto que em discursos planejados a metáfora pode, freqüentemente, refletir decisões pragmáticas conscientes.

O discurso inaugural de Mandela, objeto de análise desta dissertação, tem a característica de discurso planejado, pois foi escrita antes do ato da posse, estruturado com certa antecedência e lida.

Para analisar criticamente uma metáfora, Charteris-Black (2004:35) assinala que se devem seguir três estágios, primeiro a **identificação**, aqui ele se refere à identificação das metáforas lingüísticas; segundo a **interpretação**, nesta parte da análise ressalta que se deve proceder à identificação das metáforas conceptuais e; por último a **explicação**, isto é, a identificação da agencia social envolvida na produção da metáfora e a sua função social na persuasão. Charteris-Black chega a estes três estágios, tendo como base os estágios para a análise de discurso (ACD) propostos por Fairclough (2001:101), ele aponta que se, primeiro por uma descrição do texto, logo, a interpretação e, por último, a explicação da prática social envolvida no discurso.

Faraco (2008:97), citando Charteris-Black (2004:35), afirma que a metáfora não necessariamente pré-determina certa interpretação; mas pode criar pré-disposição para uma dada interpretação. Isso ocorre devido aos julgamentos de valor que estão implícitos em certas palavras e expressões utilizadas pelo falante. Por isso, podemos afirmar, junto com Charteris-Black, que a metáfora pode exercer a função de portador de ideologia e com a ajuda da ACM tentaremos identificar no discurso inaugural de Mandela a ideologia subjacente nas metáforas proferidas.

As escolhas das metáforas, segundo Faraco (2008:97) são influenciadas por recursos sociais e individuais. Os recursos sociais são as perspectivas ideológicas (ponto de vista político e religioso) e conhecimento histórico cultural. Os recursos individuais são os nossos pensamentos, sentimentos e experiências

corporais no mundo. No caso específico desta dissertação entendemos ser de extrema importância destacar o Capítulo II: *Nelson Mandela e a África do Sul*, justamente porque tendo uma visão da história do autor do discurso nos ajudará a interpretar o porquê das escolhas de determinada metáfora e também a analisar o significado subjacente dessas metáforas.

Mas, podemos nos perguntar: por que escolhemos as metáforas? Charteris-Black (2007: 247) responde dizendo: “Metáforas são – como muitos aspectos da linguagem – escolhidas pelos falantes para alcançar uma comunicação particular dentro de contextos particulares sendo predeterminados pelas experiências humanas”. No entanto, o autor continua argumentando que à teoria completa da metáfora deve ser incorporada uma perspectiva pragmática que interprete a escolha da metáfora com referência às propostas do uso dentro de um contexto específico de discurso. Junta-se a ele Forceville (1996 apud Charteris-Black 2007: 247) dizendo que “a produção e interpretação da metáfora inclui referências de muitos elementos contextuais essenciais para a lingüística”.

Em suma, segundo Charteris-Black (2004) a ACM é uma maneira de revelar ideologias, atitudes e crenças subjacentes e, conseqüentemente, constitui um meio importante para compreendermos melhor as relações complexas entre língua, pensamento e contexto social. Entretanto, como aponta o mesmo autor, é difícil estabelecer uma distinção entre a função lingüística da metáfora de preencher lacunas semânticas, sua base afetiva e cognitiva e sua função retórica de persuasão.

Baseando-nos em Charteris-Black (2007), analisaremos as metáforas, presentes no discurso inaugural de Nelson Mandela, em dois momentos:

a) Primeiro, partindo da idéia de que embora o modelo semântico-cognitivo seja satisfatório para analisarmos como as metáforas são interpretadas pelos indivíduos, consideraremos a influência social da ideologia, da cultura e da

história pode proporcionar um resultado mais convincente do porquê as metáforas são escolhidas em contextos de discursos específicos.

b) Em segundo lugar, partindo da idéia de que a interpretação das metáforas é freqüentemente inconsciente, verificaremos que uma das razões pelas quais as metáforas são tão persuasivas é que não estamos sempre conscientes do quanto elas influenciam nossas respostas.

Concluimos com Charteris-Black (2007), que:

uma visão semântica da metáfora deve sempre ser completada por uma pragmática. Essa perspectiva não deve excluir a visão semântica ou cognitiva da mesma, mas reivindica que a escolha da metáfora deve ser governada por considerações cognitivas, culturais, pragmáticas, ideológicas e históricas. (pág. 248).

Baseando-nos no que diz Fairclough (2001) pretendemos mostrar, através dessa análise crítica, que líderes são capazes de mobilizar seus seguidores por meio de desempenhos discursivos e que, por essa razão, nos grandes modelos de democracia, a liderança e o poder são legitimados através do discurso.

As metáforas, segundo Charteris-Black, (2005:xii:20), estão presentes nos discursos políticos, pois elas omitem importantes aspectos do que é real, persuadem por meios pacíficos e refletem um sistema compartilhado de crenças sobre o mundo e sobre o lugar da humanidade neste mundo. Daí a preocupação desta pesquisa em apontar quais realidades foram omitidas e quais foram ressaltadas por meio das metáforas lingüísticas e das conceptuais no discurso inaugural de Nelson Mandela. Ademais, a metáfora não é um recurso apenas do sistema semântico, mas sim uma questão que diz respeito à escolha do falante, ou seja, uma questão pragmática (Carvalho, 2006:67), portanto, as metáforas devem ser estudadas na sua relação com o discurso (Chilton, 1993:2 apud Carvalho 2006: 68). Para melhor evidenciar os apontados acima, faz-se

necessário tratar de algumas dimensões discursivas da metáfora, como a persuasão, emoção, avaliação, o sentido de polidez e, outra, a apontada por Cameron e Low (1999:86).

**Persuasão:** Charteris-Black (2005:30 apud Carvalho, 2006:68) define a persuasão como uma função do discurso de múltiplas camadas que é o produto de uma interação complexa entre intenção, escolha lingüística e contexto. O mesmo autor aponta que a persuasão pode ser concebida como processo comunicativo interativo em que a mensagem do emissor objetiva influenciar as crenças, atitudes e comportamentos de seu receptor. Na persuasão, o papel ativo do emissor é caracterizado por intenções deliberadas. A persuasão não é um acaso, mas há um propósito comunicativo por parte do emissor. Para que aconteça a persuasão, diz o mesmo autor, a mensagem precisa atender os desejos, necessidades e imaginação do receptor, isto é, o processo comunicativo do falante deve levar emoções aos seus interlocutores.

A metáfora é tida como a figura privilegiado para a persuasão, justamente por causa do próximo item que vamos tratar, isto é, por provocar emoções.

**Emoção:** Charteris-Black (2004) afirma que por causa do potencial da metáfora em provocar emoções é usada com freqüência na linguagem persuasiva, entretanto, o feito de determinadas metáforas variará de acordo com a percepção lingüística e pragmática do usuário da língua, pois, segundo o mesmo autor, a metáfora se respalda na interpretação.

**Avaliação:** Carvalho (2006:68), citando Hunston e Tompson (2005:5), afirma que é um termo amplo para designar atitudes, pontos de vistas ou sentimentos por parte do falante sobre o que está falando.

A metáfora também se refere à articulação de pontos de vistas e de como nos posicionamos discursivamente em relação a eles. Isso,

talvez, explique uma relação bem próxima entre a avaliação e a metáfora (Carvalho, 2006:68).

Um outro aspecto discursivo da metáfora é defendido por Cameron e Low (1999 apud Carvalho, 2006:69). Afirma que:

(...) a metáfora não somente encobre uma posição do discurso direto, como se nada literal fosse dito, mas ela tem a vantagem inestimável de combinar o fato de que o falante não pode ser responsabilizado pela mensagem, com o respaldo de que há uma mensagem proposta que não pode ser discutida abertamente.

Portanto, no discurso persuasivo, a metáfora reduz o risco, salvaguardando a face. A este tema, por ocupar um papel importante da nossa análise dedicaremos uma parte deste capítulo.

#### **2.4 - A teoria da polidez**

Esta teoria foi originada por Brown e Levinson na década de 80, especificamente em 1989, que teve como base a teoria das Faces, uma noção universal caracterizada pelo sociólogo Erving Goffman na década de 60.

Para Goffman (1967 apud Barros, 1996:18), face é um valor social positivo que uma pessoa reclama para si mesma. É uma auto-imagem delineada em termos de aprovação de atributos sociais que os outros podem compartilhar. A face se constitui de um conjunto de desejos que podem ser satisfeitos somente por ações de outros, daí haver um mutuo interesse de manter as faces. As pessoas colaboram na manutenção da face na interação devido à vulnerabilidade mútua da face. A face pode ser perdida ou mantida, e deve ser constantemente cuidada na interação face-a-face. Esta interação refere-se à classe de eventos que ocorre durante e em virtude da presença do outro e envolve, segundo o mesmo autor, um espaço, um tempo e uma restrição aos eventos sucessivos que completam a interação que já tenha começado.

A teoria da polidez para Barros (1996:32), citando Brown e Levinson, pressupõe um potencial humano para a agressão. A polidez busca, então, desarmar a agressão a fim de possibilitar a comunicação entre os grupos potencialmente agressivos, procurando evitar as ofensas. Portanto, para essa teoria o cerne da vida em sociedade é ter o controle da agressão interna e, também, tentar reter a agressão em potencial para as relações com outros grupos. A polidez, segundo a mesma autora, pode tornar possível predições a respeito da distribuição da igualdade ou desigualdade social, intimidade e distância social. Portanto, como afirmam Brown e Levinson, a polidez é fundamental para a ordem social, condição para a cooperação humana.

Evitar atos ameaçadores de face vem a ser uma estratégia de polidez. Ao tratar das estratégias de polidez na língua, Brown e Levinson (apud Barros, 1996:33) afirmam a seleção de um conjunto de desejos estratégicos a ser realizados por meios lingüísticos pode envolver a organização e ordenação da expressão desses desejos. Para os mesmos autores, a quantidade de esforço despendido no mecanismo lingüístico de manter a face implica em comunicar o desejo sincero de que as aspirações do ouvinte sejam satisfeitas.

Os conceitos de face envolvidos na polidez proposta por Brown e Levison são:

A **Face positiva** que vem a ser, segundo os dois autores (apud Barros, 1996:20) o desejo de aprovação social e de auto-estima. A preservação da face positiva envolve atividades e verbalizações que vão de encontro às necessidades e interesses do interlocutor, que deverá sentir-se satisfeito e com desejo de continuar a interação com o locutor. Portanto, a face positiva é a afirmação de uma auto-estima positiva ou personalidade reclamada pelos integrantes.

A **face negativa** vem a ser o desejo de cada adulto competente de não ser impedido em suas ações. A preservação desta face implica uma polidez de

não-imposição em que o ouvinte, em momento algum, deverá sentir-se ameaçado em suas pretensões, interesses e crenças.

Também, outro princípio envolvido na estratégia de polidez, que cremos ser importante para esta dissertação é a **negociação da face** que vem a ser um conjunto de ações que as pessoas fazem para preservar as faces. São ações da pessoa para fazer o que é consistente com a face através do tato, diplomacia, traquejo social (Barros, 1996:21). Segundo a mesma autora, podemos negociar com sucesso a face dos participantes, através da percepção da situação, seguido do uso de estratégias de manutenção ou preservação da face. Essas estratégias se denominam salvaguarda d face. Nesta dissertação serão interpretadas as metáforas presentes no discurso inaugural de Nelson Mandela que tenham a função de polidez, salvaguardando as faces de seus interlocutores, no caso específico as de seus antecessores no poder, pois, segundo a mesma autora, citando Goffman (1967), os processos de negociação da face são afetados através das estratégias de polidez. As estratégias de polidez, como já citado anteriormente, visam evitar os atos ameaçadores da face.

O **ato ameaçador da face** também é considerado de suma importância para a compreensão da estratégia de polidez. Pedidos e ordens, por exemplo, são atos ameaçadores da face para Brown e Levinson (1978 apud Barros, 1996: 22). O ato ameaçador da face é um ato que ameaça as faces do ouvinte e/ou do locutor, que pode colocar em perigo a face positiva ou negativa do locutor ou do interlocutor e pode ofender as faces de ambos. Estes atos ameaçadores podem ser feitos diretamente (explicitamente) ou indiretamente (implicitamente) e podem desagrává-los com desculpas pela interferência ou transgressão, por evasivas na força ilocutionária, por mecanismos de impessoalização e por outros mecanismos de polidez que darão ao ouvinte uma saída para salvar as faces.

A polidez refere-se, justamente, às técnicas do bem viver em sociedade através da satisfação das faces dos interlocutores numa interação verbal. Ela contém, segundo Barros (1996:33), princípios que existem em todas as sociedades, não importando as variações de interpretação de polidez nos grupos e nas diferentes situações. Daí o fato desses princípios terem um status de princípios universais da interação humana.

Segundo Brown e Levinson (1978 apud Barros, 1996: 47-48) existem três tipos de estratégias de polidez, a primeira é a polidez positiva, que ocorre ao usarmos expressões de solidariedade que remetem a benefícios para o interlocutor, logo, a polidez negativa, que se dá por meio do uso de expressões que evitam imposições; e por último, a polidez indireta, que se caracteriza pelo uso de expressões ambíguas e indiretas a fim de evitar ofensas ao ouvinte.

A escolha do tipo de polidez a ser empregado está ligada às relações sociais entre o falante e o ouvinte que buscam evitar a ofensa. Para entender melhor a escolha das metáforas que Mandela fez e que consideramos ter a função de evitar as ofensas a alguns de seus interlocutores, consideramos de suma importância também relatar a história de luta e sofrimento do autor do discurso junto com o povo sul-africano, como veremos no capítulo II desta dissertação.

E, para concluir esta parte da dissertação, queremos apontar que a déia central da teoria de polidez de Brown e Levinson é de que alguns atos de fala são atos ameaçadores das faces e, portanto, precisam ser amenizados para que haja uma boa convivência na sociedade. Essa amenização, nesta dissertação, será buscada nas metáforas proferidas por Mandela em seu discurso inaugural, sem tirar a importância de outros fatores de atenuação como, por exemplo, a entonação, o uso de certas expressões como “por favor” e outros.

## CAPÍTULO II: NELSON MANDELA E A ÁFRICA DO SUL

*“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.*

*Nelson Mandela*

Consideramos pertinente fazer uma breve retomada panorâmica, tanto da vida de Nelson Mandela quanto da história da África do Sul, para melhor entendermos o contexto no qual foram proferidas as metáforas que são o objeto de análise desta dissertação.

Este capítulo baseia-se principalmente no livro intitulado: *Nelson Mandela, longo caminho para a liberdade: uma auto-biografia* (Mandela, 1995), escrito de forma autobiográfica pelo próprio Nelson Mandela. A escolha deste livro deve-se, principalmente, ao fato de ele revelar, além da história da África do Sul, uma visão do próprio Mandela sobre a realidade sócio-política de seu país, o que cremos que poderá ajudar-nos a ter uma visão mais adequada sobre os motivos da escolha das diferentes metáforas presentes em seu discurso inaugural e revelar-nos, sobretudo, as intenções subjacentes a essas metáforas.

Rolihlahla Mandela nasceu em 18 de julho de 1918, como ele próprio o diz, nasceu

(...) num lugar rodeado de lindas paisagens, no distrito de Umtata, capital do Transkei, às margens do rio Mbashe, uma terra linda de colinas onduladas e vales férteis e mil rios e riachos que até o inverno se conserva verde (Mandela, 1995: 13).

O lugar era considerado a maior divisão territorial de toda a África do Sul, com uma população da etnia xhosa de aproximadamente 3,5 milhões de pessoas. A sociedade xhosa estabeleceu uma ordem social equilibrada e

harmoniosa em que cada pessoa tinha atribuído a si um lugar específico. Todos pertenciam a algum clã, denominado como “*um grupo de pessoas unidas por parentesco e linhagem e que é definido pela descendência de um ancestral comum*” (Mandela, 1995:14).

Filho de Gadla Henry Mphakanyiswa, que era conselheiro e formador de reis, (cada tribo tinha o seu rei) e de Nosekeni Fanny, uma mulher lutadora. Seu pai foi um homem respeitado e muito justo. Gadla teve quatro esposas e treze filhos, sendo Mandela o mais jovem dentre os filhos homens. Para os padrões da época, ele era considerado um homem rico, com alguma fortuna e título. Porém, certo dia, um de seus funcionários, aparentemente querendo manchar seu nome, disse que lhe havia desaparecido uma vaca e solicitava ao patrão (Gadla) o reembolso. Gadla recebeu uma intimação do magistrado e, inconformado com tamanha injustiça, se recusou a comparecer à audiência (algo considerado na época um grande insulto). Considerado por isso um insubordinado, foi destituído do cargo e perdeu toda a sua fortuna, bem como seus títulos. A família, então pobre, mudou-se para Qunu, “*um vale estreito e verdejante riscado por riachos de águas límpidas e cercado de morros cobertos de vegetação*” (Mandela, 1995:17). Nessa região Mandela passou, feliz, parte de sua meninice. O pai sempre lhes contava histórias de lutas históricas de guerreiros xhosa e a mãe lhes estimulava a imaginação com lendas e fábulas xhosas que eram transmitidas de geração em geração. Desde seus cinco anos de idade Mandela trabalhava como pastor de ovelhas. Quando Mandela completou seis anos, seguindo a sugestão de um amigo, seu pai o matriculou em uma escola Metodista para se alfabetizar; lá recebeu, como era o costume, seu primeiro nome, inglês, Nelson.

Mandela costumava brincar de luta com os amigos e de montar em burros. Certo dia, Mandela não conseguiu domar um burro teimoso e caiu “com a cara no chão”, o que o deixou muito desprestigiado perante seus amiguinhos. Ele não quis golpear o animal e o fato ele transferiu para o nível humano, do

qual tirou uma lição para sua vida e ao lembrar afirma que “*mesmo tendo sido um burro que me derrubou, aprendi que humilhar uma pessoa é fazê-la sofrer um destino desnecessariamente cruel*” (Mandela, 1995:19). Assim, desde criança ele aprendeu a derrotar os adversários sem desonrá-los.

Certa noite, seu pai chegou tossindo muito e acabou por perder as forças. A mãe de Nelson e a esposa mais nova do pai se revezavam para cuidar deste, que, no entanto, não resistiu. Com sua morte, sem muita escolha, sua mãe o levou para Mqhekezweni, a capital da Tembolândia, perto dos domínios de Jongintaba, regente chefe de região, um dos jovens que seu pai havia treinado e indicado para a sucessão de um rei. Mandela, já com nove anos, ficou maravilhado com o lindo lugar, sem saber que ali seria seu futuro lar. Jongintaba, que já tinha um casal de filhos, em gratidão e retribuição a seu pai, o adotou como filho.

Mandela, sendo obrigado pelas circunstâncias, foi viver longe da mãe onde teve oportunidade de estudar e de ter uma vida melhor. A mãe, que voltara para Qunu, para ficar com a filha, sua irmã, nunca foi esquecida. Não foram poucas as vezes em que Mandela participava com seu “irmão”, o sucessor do regente chefe da região, de reuniões políticas. Lá ele observava que “*alguns oradores usavam emoção e linguagem dramática e procuravam comover a platéia com esse tipo de técnica, ao passo que outros eram sóbrios e equilibrados e evitavam utilizar a emoção*” (Mandela, 1995:27).

Mandela se encantava com aquela vida e, frequentemente, ia com o Sr. Jongintaba a reuniões e lá aprendeu o que significava democracia: “*Formar algum consenso a partir das diversas opiniões, porém, sem imposição aos que discordassem; se não chegassem a nenhum acordo, haveria outra reunião*” (Mandela, 1995:28).

O relato a seguir, acerca das principais fases da história da África do Sul, baseia-se principalmente em dados extraídos do site [www.africadosul/org.br/historia.asp](http://www.africadosul/org.br/historia.asp) sugerido pela Embaixada da África do Sul, via e-mail, no dia 10 de junho de 2006.

Mandela, que na infância havia ouvido muitas histórias, quando freqüentara a escola, tomou conhecimento da invasão da África do Sul pelos holandeses e ingleses, e tinha condições de avaliar as conseqüências decorrentes. As histórias ouvidas contavam que o povo Khoisan, da região norte de Botsuana, muitos anos atrás tinham desistido da caça para criar gado, uma atividade que os outros africanos já estavam aprendendo. Esse povo se autodenominava Khoikhois, ou seja, “homens dos homens”, e dava aos conterrâneos que continuaram a ser caçadores o nome de San. Não havia fronteiras entre as nações Khoikhoi e San. Na época, a África já estava na mira de alguns exploradores, como o navegador português Bartolomeu Dias, que por lá passara em 1488, e Vasco da Gama, que a visitou em 1497.

Quando a Companhia das Índias holandesa se instalou permanentemente na Cidade do Cabo, em 1652, a colonização não era sua principal atividade. A Cidade do Cabo era um porto conveniente para quem vinha e ia para o Ocidente, e por isso os holandeses enviaram o comandante Jan van Riebeeck para o local; ele se desentendeu com os Khoikhois (chamados pelos holandeses de Hottentots). Declarando guerra ao povo Khoikhoi, aprisionou seus líderes na Robben Island, dando início ao período histórico de colonização. Mais tarde, van Riebeeck criou uma colônia de escravos formada em sua maioria por indonésios.

Os colonizadores brancos viviam, de início, em pequenas fazendas na Cidade do Cabo. Mas as colônias se espalharam pelas montanhas e em pouco tempo alcançaram os pastos secos do interior. Esses colonizadores decidiram se distinguir de seus irmãos da Holanda se autodenominando Bôeres, ou seja,

fazendeiros, ou Afrikaners (africanos). Eles decidiram se apossar do que bem entendessem, e começaram a matar os adultos dos grupos Khoikhois, fazendo de seus filhos servos domésticos. Esse foi o início da dominação dos sul-africanos pelos brancos, o que seria um dos motivos principais da luta empreendida por Mandela para libertar seu povo da dominação imposta pelos brancos e defender o direito de igualdade entre os colonizadores e o povo autóctone, dono da terra.

Com o fechamento da Companhia das Índias em 1795 pelos holandeses, os ingleses assumiram o controle da região do Cabo. Entre 1803 e 1806, os ingleses devolveram o poder aos holandeses, porém, mais tarde decidiram recuperá-lo. Uma das primeiras medidas do governo foi atacar o povo Xhosa (origem dos ancestrais de Nelson R. Mandela), que habitava nas áreas dos territórios ocupados pelos colonizadores.

Os ingleses enviaram em 1819, estimados 4 mil colonos, aos quais entregou terras conhecidas como Zuurveld, que ficavam às margens do rio Great Fish, região inóspita e sem perspectivas, por cuja ocupação os colonos tinham de pagar impostos, algo que causou insatisfação com o regime britânico na Cidade do Cabo - como já havia acontecido com os Bôeres.

O Decreto 50, de 1828, aboliu o trabalho forçado e a distinção de cor quanto à validade das leis, o que levou em 1834 à abolição da escravidão. Os Bôeres reagiram transferindo-se para as terras além do rio Orange, fora do controle britânico, num êxodo que ficou conhecido como o Great Trek.

Em 1867, a África do Sul ainda não era considerada uma nação. No território coexistiam quatro colônias de brancos e vários reinos de negros. Embora os britânicos fossem o poder dominante, muitas colônias maiores detinham poder a partir de atividades como o garimpo de diamantes, abundantes no país.

A descoberta da riqueza do país em termos de diamantes deu-se por acaso. Em 1866, o jovem Erasmus Jacobs, ao brincar na fazenda do pai, perto de Hopetown, achou uma linda pedra. Um vizinho quis comprá-la, mas a família, julgando que a pedra não tivesse valor, deu-a a ele. A linda pedra de Erasmus era o diamante “Eureka”, de 21,25 quilates, que desencadeou a corrida do diamante em Kimberley. Três anos depois, esse mesmo vizinho teve a sorte de encontrar uma pedra ainda maior, de 83,5 quilates, a chamada “Estrela da África do Sul”.

Surgiu assim o célebre Kimberly Big Hole, um enorme veio de diamantes que atraiu mais de 50 mil pessoas de todo o mundo. Em condições de vida horríveis, a área parecia, no entanto, um repositório infinito de diamantes. Eram terras de fronteira, e os governos do estado de Orange Free, da República Sul-Africana e de Cape Colony também queriam uma parte da riqueza. Mas em 1880 os britânicos anexaram à área, causando total insatisfação.

Kimberley tornou-se o centro da indústria de diamantes, e aventureiros como Cecil Rhodes, Charles Rudd e Barney Barnato que acabaram por criar um poderoso cartel, que, consolidado, tornou-se a De Beers Consolidated Mines, que domina o mercado mundial de diamantes.

Quando, em 1886, George Harrison, descobriu a camada Main Reef, em Witwatersrand, a corrida do ouro acirrou-se. As fazendas foram anexadas ao patrimônio público que foi fundada na região a cidade de Johannesburgo. Os Bôeres e os britânicos acabaram por chegar a um acordo. Em 1910, proclamou-se a União da África do Sul. Ao longo do século XX, os Afrikaners voltaram a dominar o país por um curto período, e os negros continuaram a viver numa péssima situação político-social.

A população negra começou a aumentar sensivelmente: de pequena minoria nos centros urbanos na época da União, tornava-se maioria em todas as cidades principais. Para controlar essa explosão demográfica os brancos criaram as Pass Laws, leis que controlavam a circulação dos negros para evitar que saíssem das fazendas dos brancos. Além disso, as leis conhecidas como Land Acts, de 1913 e 1936, proibiram, os negros de comprarem terras fora das reservas, obrigando-os a viver nas tribos. E foi nesse contexto que Mandela veio ao mundo, vivenciando todos os absurdos assim criados. Ele resolveu estudar direito na Universidade de Fort Hare, intuindo que precisava dessa formação para poder lutar, dentro da lei, em favor dos sul-africanos. Porém, após dois anos de estudo, houve uma votação para a composição de um Grêmio Estudantil, e Mandela e cinco amigos foram eleitos. No entanto, o reitor da Universidade procurou Mandela e lhe comunicou que alguns trabalhos deveriam favorecer a Universidade, o que, conseqüentemente, deixaria seus eleitores desapontados. Mandela renunciou ao cargo e, sem ter outra opção, o reitor o expulsou da Universidade.

Ao voltar para casa, Mandela contou o ocorrido a Jongintaba, que se irritou muito com tamanha inconseqüência e lhe ordenou que, após as férias, voltasse para a Universidade. Ele disse a Mandela e a seu irmão Justice, seu sucessor, que, como já não era novo, queria que os dois se casassem para poderem ocupar um lugar na sociedade e que já havia escolhido as noivas e pago seus dotes. Mas os dois não queriam aborrecer o pai e tampouco se casar com uma moça que não fosse de seu agrado; assim, fugiram de casa e foram tentar a vida nas minas de ouro, em Johannesburgo. Passaram por muitas dificuldades, pois não tinham dinheiro e eram filhos de um homem muito conhecido e respeitado e muitos sabiam que os dois estavam sendo aguardados pelo pai. Porém, com muito esforço, conseguiram continuar suas trajetórias.

Aos 23 anos de idade, Mandela conseguiu um emprego como estagiário no escritório de advocacia do Sr. Sidelsky que, para ele, *“era um professor*

*paciente e generoso que procurava comunicar não só os detalhes da lei como a filosofia que havia por trás dela; e lá aprendi muito” (Mandela, 1995: 67).*

No final de 1941 o regente Jongintaba, ao visitar Johannesburgo, foi procurado por Mandela e ambos tiveram uma longa conversa, na qual o regente confessou a Mandela que o havia perdoado, o que deixou Mandela em paz. No ano seguinte, quando Mandela tinha vinte e quatro anos, Jongintaba, seu segundo pai, faleceu. Mandela e Justice foram para a cerimônia, porém chegaram depois do funeral. Uma semana depois Mandela voltou para Johannesburgo para continuar seu trabalho e Justice ficou em Transkei para assumir o cargo de regente sucessor.

Mandela, que voltara a estudar direito por correspondência, pela Universidade de Witwatersrand, foi aprovado no exame final de bacharelado e recebeu seu diploma em 1942, porém tinha consciência de que um diploma não é um talismã nem um passaporte para o sucesso fácil.

Em 1945, Mandela casa-se com Evelyn Mase e em 1946 nasce o primeiro filho do casal, Madiba Thembekile. Em 1947, nasce Makaziwe, a segunda filha, que morreu com nove meses. No mesmo ano, Mandela foi eleito para a Comissão Executiva do Congresso Nacional Africano (CNA) do Transvaal. Consciente da realidade de seu país, Mandela achava que o caminho para a libertação seria *“um nacionalismo africano não diluído e não um marxismo nem um multirracionalismo” (Mandela, 1995:95).*

Em suas reuniões regulares, o CNA discutia todo tipo de problema da África do Sul. Um deles foi a Lei do Gueto que *“circunscrevia as zonas em que os indianos podiam residir e comercializar e restringia severamente o direito de compra das propriedades pelos indianos; em troca, os indianos receberam o direito de ser representados no parlamento pelos delegados brancos com funções apenas simbólicas” (Mandela, 1995:91)*

Num clima de turbulência, houve em 1948 eleições gerais para eleitores e partidos brancos. O Partido Unificado (partido do governo dirigido pelo General Smuts) enfrentou o Partido Nacionalista, uma antiga agremiação que havia revivido. Esse, partido, favorável ao *apartheid* (cuja premissa dizia que os brancos eram superiores aos africanos, mestiços e indianos e sua função era fortalecer para sempre a supremacia dos brancos) ganhou as eleições. Segundo Smuts o *apartheid* era “*uma idéia maluca nascida do preconceito e do medo*” (Mandela, 1995:98).

O novo governo lançou diversas leis, como a que proibia o casamento entre brancos e não brancos; a Lei de Registro da População, que classificava os sul-africanos por raça, fazendo da cor o único e mais importante fator referente aos indivíduos; a Lei das zonas de grupo, que delimitava zonas urbanas separadas por grupo racial. Mandela, em uma de suas falas desabafou: “*No passado, os brancos se apossaram das terras à força; agora, asseguram pela lei sua posse*” (Mandela, 1995:99).

Nesse mesmo ano, o CNA tornou-se mais ativo, passando a incentivar greves (o que era considerado um crime na África do Sul), boicotes, faltas ao trabalho etc., porém continuava contra a violência.

Em 26 de julho de 1950, o CNA lançou O Dia do Protesto, cuja idéia principal era sustentar uma greve em escala nacional, e teve êxito moderado.

Em 06 de abril de 1952, os sul-africanos brancos comemoravam o trigésimo aniversário da chegada de Jan van Riebeeck ao Cabo; eles comemoravam a fundação de seu país, mas esse “*era o dia que os sul-africanos execravam por ser o começo de três séculos de escravidão*” (Mandela, 1995: 107).

Nesse mesmo ano, Mandela abriu seu próprio escritório de advocacia, juntamente com Oliver Tambo, em Johannesburgo.

Em 1953, Mandela foi obrigado a se demitir do CNA, em função da Lei de Eliminação do Comunismo, e proibido de comparecer a todo tipo de reunião durante dois anos. Mandela se demitiu, mas continuou participando das reuniões secretamente. Na época, o governo obrigou os moradores de Sophiatown a se mudarem para Meadowlands – local com um número de casas menor que o número de habitantes, e os imóveis não tinham acabamento. O interesse era deixar a cidade livre para os brancos. O CNA reuniu mais de dez mil pessoas para lutar sem violência contra os policiais, porém foi uma tentativa vã e todos tiveram de se retirar, após uma semana de resistência, “*ao som não de tiros, mas de canhões e marretas*” (Mandela, 1995:140). Mandela, indignado, porém, obediente, foi obrigado a ver mais uma vez seu povo passar por uma humilhação, e inconformado, disse:

(...) a lição que eu aprendi com a campanha foi que, no fim, não tínhamos alternativa senão a resistência armada e violenta. Repetidas vezes havíamos usado as armas não-violentas de nosso arsenal, tais como discursos, representações, ameaças, marchas, greves, faltas ao trabalho, prisão voluntária, mas não valeu de nada, pois tudo o que fazíamos era enfrentado com mão de ferro. Os que lutam pela liberdade aprendem a duras penas que é o opressor quem define a natureza da luta e que em geral nada resta ao oprimido senão usar métodos que espelham os do opressor. Depois de um certo ponto, só se pode combater o fogo com fogo (Mandela, 1995:141).

Nesse mesmo ano o governo lançou a Lei do Ensino Banto, que determinava: “*as escolas africanas primárias e secundárias dirigidas pela Igreja e por grupos missionários tinham a opção de entregar as respectivas escolas para o governo ou começar a receber subsídios cada vez menores; em outras palavras, ou o governo assumia a direção do ensino dos africanos ou não haveria ensino nenhum para eles. Os professores africanos foram proibidos de criticar o governo ou as autoridades escolares. Era um modo de institucionalizar a inferioridade*” (Mandela, 1995:142). O CNA convocou uma paralisação com os

pais e alunos como forma de protesto contra o Ensino Banto, que diferenciava o ensino entre os africanos e os brancos, porém a mobilização foi um fracasso, embora tenha conseguido que o ensino fosse de igual qualidade para todos, o que acabou gerando uma geração rebelde cuja ação culminou na década de 1970.

Em 1955, com 38 anos e livre da lei que o obrigava a ficar em Johannesburgo, Mandela voltou ao Transkei e a Qunu, para rever membros do CNA, oficializar algumas reuniões e rever sua mãe. À noite, após revê-la, indagou: *“pode haver coisa mais importante do que cuidar de nossa própria mãe idosa? Seria a política um mero pretexto para fugir às responsabilidades, uma desculpa para não ser tão bom provedor como deveria?”* E concluiu: *“não, são coisas simplesmente diferentes”* (Mandela, 1955: 153). E passeando pelas savanas se deparou com um elefante, fato jamais vivenciado por ele, e exclamou: *“Que terra mais linda e tão fora do alcance, possuída por brancos e intocável por um negro”* (Mandela, 1955: 157).

Em 1956, o governo novamente expediu uma proibição contra Mandela, que durante cinco anos não poderia participar de reuniões e encontros, nem sair da cidade. Mas certa noite foram buscá-lo em sua casa e o levaram preso. Na prisão estavam todos os seus amigos (membros do CNA), que, também presos, eram acusados de *“alta traição e conspiração nacional, alegavam que seu grupo incitava a violência, a fim de derrubar o governo e substituí-lo por um Estado comunista”* (Mandela, 1955: 167). Ficaram presos durante quinze dias e julgados mais tarde.

Nesse mesmo ano Mandela e Evelyn se separam. Em 1958 Mandela se casa com Nomzamo Winnifred Madikizela, mais conhecida como Winnie, que também era enfermeira. Ela se encantara com a postura do marido, e começou a participar de reuniões, por livre e espontânea vontade, e acabou presente num

protesto contra a Lei do Passe (Pass Law) para mulheres. Em 1958, Winnie deu à luz sua primeira filha com Mandela, que recebeu o nome de Zenani.

Em 1959, foi criado o PAC (Congresso Pan-Africanista), rival do CNA, cujo objetivo era “um governo dos africanos pelos africanos e para os africanos”, que declarou pretender “derrubar a supremacia dos brancos e estabelecer um novo governo, cuja principal proposta era libertar os sul-africanos até o final de 1963” (Mandela, 1955: 189)

Em 1959, começou o julgamento dos acusados por alta traição. Houve um atraso de mais de dois anos, devido à morte de um dos juizes que estava analisando os fatos e também devido a uma manifestação dinâmica contra a Lei do Passe, que mobilizou a África do Sul. Os advogados de defesa, alegando desorganização do Tribunal, se declararam não mais participantes daquele processo e deixaram aos próprios acusados sua defesa.

Em 1960, ainda obrigado à permanência em Johannesburgo, Mandela soube que seu filho Makgatho estava muito doente e precisava ser operado. Sem hesitar, Mandela o buscou no Transkei e o trouxe para Johannesburgo. No mesmo período, Winnie deu à luz sua segunda filha, dando-lhe o nome de Zindziswa, em homenagem à filha de Samuel, um amigo do povo xhosa.

O veredicto final estava pronto e os acusados já sabiam que, se fossem inocentados, viveriam sob fortes restrições impostas pelo governo e caso fossem condenados seriam levados diretamente para a prisão. Mandela retornou à casa, arrumou seus pertences, se despediu de Winnie e de suas filhas e lhe disse que independente do resultado, ele não voltaria, e que seus amigos as ajudariam no que fosse preciso. Ele alegou que não suportaria viver sob tais restrições, que preferiria viver clandestinamente. Saiu e foi se despedir de seus filhos com Evelyn.

O veredicto final saiu. Todos foram inocentados e dispensados. Mandela disse que se tornou “*uma criatura da noite*” (Mandela, 1995: 221), por viver na

clandestinidade: durante o dia ficava em seus esconderijos (e teve que passar por vários, para não ser descoberto) e à noite saía para fazer seus trabalhos. Foi apelidado Pimpinela Negra. Criou uma nova identidade, David Motsamayi.

Mandela, cansado com a intransigência do governo, começou a incitar a luta armada e a convencer o CNA a agir da mesma forma que o governo nas greves. O CNA começou a aceitar a idéia, embora não por completo.

Nesse período, Mandela se dedicou às leituras. Penetrou *“no passado da África do Sul, estudou sua história anterior e posterior aos brancos. Comparou as guerras entre africanos e africanos, entre africanos e brancos e entre brancos e brancos”* (Mandela, 1955: 227). Leu a tese intitulada “Da Guerra”, de Karl von Clausewitz, que defendia que *“a guerra era uma continuação da diplomacia por outros meios”* (Mandela, 1995: 228).

Mandela, Oliver e Resha, outro companheiro seu, viajaram pela África a fim de conseguir novos contatos e com o intuito de aprender com suas políticas. Foram para o *“Egito (que surpreendentemente era o único Estado africano que possuía exército, marinha e força armada de alguma forma comparáveis aos sul-africanos), Etiópia (e ficaram desapontados com a falta de conhecimento do resto da África sobre a África do Sul), Marrocos, Argélia, Libéria (onde conseguiram dólares para comprar armamento), Senegal e por último visitaram Londres”* (Mandela, 1995: 243-244). Dessa viagem Mandela só retornou depois de oito semanas, pois ficou em treinamento militar em Adis Abeba.

Em 05 de agosto de 1962 Mandela é reconhecido e preso novamente, após uma forte perseguição e emboscada. Na prisão, Mandela não esmorece. Como ele reflete: *“Eu era o símbolo da justiça no tribunal do opressor, o representante dos grandes ideais de liberdade, justiça e democracia numa sociedade que desonrava essas virtudes. Percebi, ali mesmo, que eu poderia continuar a luta até dentro da fortaleza do inimigo”* (Mandela, 1995:260).

Surgiram boatos de que Mandela havia sido traído por camaradas do próprio CNA e isso estava alvoroçando o povo. Após receber o convite para abrir a Conferência Anual do Congresso da Juventude do Transvaal, Winnie, que havia conversado por diversas vezes com Mandela, aceitou o convite e repassou sua mensagem ao povo, dizendo: *“Não percam tempo procurando indícios de quem traiu Mandela, esse tipo de boato é calculado para nos manter lutando entre nós e evitar que nos unamos para combater a opressão nacionalista”* (Mandela, 1995:262).

No dia da audiência, Mandela se vestiu com um manto de pele de leopardo dos xhosa. Ele tinha a intenção de dar ênfase ao fato simbólico de ser um africano lutando num tribunal de brancos. Ele estava *“literalmente carregando nas costas a história, a cultura e a herança de seu povo”* (Mandela, 1995: 266). Naquele dia, ele se sentiu a *“encarnação do nacionalismo africano, o herdeiro do passado difícil, porém, nobre da África, e de seu futuro incerto”* (Mandela, 1995:266).

Ao ser acusado, Mandela se defendeu dizendo:

Por que motivo neste tribunal estou diante de um juiz branco, confrontado por um promotor branco e escoltado por ordenanças brancas? Será que alguém pode sugerir honesta e seriamente que neste tipo de ambiente os pratos da balança da justiça estão equilibrados? Por que motivo na história deste país nenhum africano jamais teve a honra de ser julgado por seus próprios parentes e amigos, alguém de sua carne e seu sangue? Vou dizer o motivo a Vossa Reverência: a verdadeira finalidade desta barreira de cor rígida é garantir que a justiça distribuída pelos tribunais se ajuste à política do país, por mais em conflito que essa política possa estar com as normas de justiça aceitas nos judiciários de todo o mundo civilizado (...) Vossa Reverência, eu detesto com intensidade a discriminação racial e todas as suas manifestações. Combati a discriminação racial a vida inteira. Combato-a agora e continuarei a combatê-la até o fim de meus dias. Detesto da forma mais intensa possível o ambiente que me cerca aqui. Ele me faz sentir um negro num tribunal de brancos. Não deveria ser assim (Mandela, 1995:266-267)

Após sua defesa, saiu a sentença, Mandela foi condenado a cinco anos de prisão, sem possibilidade de condicional (três anos por incitar o povo a fazer greves e dois anos por sair do país sem passaporte).

Em 1963, Mandela, juntamente com três amigos, foi transferido para a Ilha Robben, novamente sem nenhuma explicação. Enquanto permaneciam lá, o governo procurava outras provas para incriminar ainda mais o CNA e acabaram encontrando esconderijos, planos de sabotagem, o que levou Mandela a novo julgamento.

Ao mesmo tempo em que eles estavam sendo julgados, o governo criou a Lei da Detenção dos Noventa Dias. Essa lei negava *habeas-corpus* e dava aos policiais o poder de deter, sem mandato de prisão, qualquer pessoa suspeita de crime político. Os presos podiam ficar até noventa dias na prisão, sem julgamento, acesso a advogado nem proteção contra auto-incriminação. O resultado foi que a polícia ficou mais selvagem. Nesse período, Winnie e alguns amigos foram presos e proibidos de sair da cidade.

Após o julgamento, Nelson Mandela, Walter Sizulu, Govan e outros foram condenados à prisão perpétua e levados para a Ilha Robben. Mandela foi o preso 46664, que significava ser o 466º preso admitido na ilha com ingresso em 1964. Nesse ano Mandela estava com quarenta e seis anos de idade.

Mandela, mesmo ao se deparar com tantas limitações dentro da prisão, em termos de espaço, alimentação, vestimenta, distância da família e amigos, permaneceu otimista, defendendo a idéia de que “*ser otimista significa em parte manter a cabeça voltada para o sol e os pés se movimentando para frente*” (Mandela, 1995:321); contudo, sem nunca perder a sensatez, tinha consciência de sua fragilidade e confessa que “houve muitos momentos sombrios em que sua fé na humanidade foi dolorosamente testada, mas ele não quis, nem pôde se deixar cair no desespero, porque no desespero residem a derrota e a morte” (Idem).

No entanto, a vida continuava, dentro e fora da prisão. A luta contra o *apartheid* continuava, incansável. Mandela, dentro da prisão, criou uma organização interna, conhecida com Alto Comando (ou Alto Órgão), formado pelos antigos líderes do CNA na Ilha Robben.

Num belo dia de 1968, Mandela recebeu uma visita muito esperada, sua mãe e Winnie. Ele notou um semblante muito fragilizado em sua mãe e pediu a Winnie que cuidasse dela com mais atenção. Algumas semanas depois da visita, Mandela recebeu um telegrama de seu filho Makgatho informando de seu falecimento. Ele ficou muito triste e abatido e pediu ao diretor da prisão permissão para poder enterrar sua mãe, que foi inapelavelmente negada.

Em 1969, Winnie foi presa novamente, de forma brutal. Nesse ínterim, Mandela recebeu um novo telegrama de Makgatho, dessa vez informando que seu primogênito, Madiba Thembekile, havia morrido num acidente de carro. Novamente Mandela solicitou permissão para ir ao enterro e mais uma vez não a conseguiu.

Mandela se fechou em sua cela e, no silêncio, pensou nas tantas tragédias às quais havia sido destinado e comparou a vida a um jogo de xadrez... Porém, como sempre, em todos os momentos, até nos mais difíceis, ele tirava força para continuar sua luta, refletiu que “*o caráter se mede enfrentando situações tremendamente difíceis e que herói é alguém que não se deixa abater nem diante das circunstâncias mais difíceis*” (Mandela, 1995:373)

Fora da Ilha Robben, a luta contra o *apartheid* havia atraído a atenção do mundo e com isso o CNA se fortaleceu novamente, após vinte e cinco anos de clandestinidade. Nesse período, em 1984, o Arcebispo Desmond Tutu<sup>4</sup> foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz. O governo sul-africano estava sendo

---

<sup>4</sup> Desmond Tutu, Arcebispo Emérito: clérigo e ativista, o arcebispo ascendeu para a fama internacional nos anos de 1980 como oponente do *apartheid*. Tutu foi o primeiro arcebispo anglicano negro da Cidade do Cabo e pontífice da Igreja da Província do Sul da África. Em 1995, foi nomeado para uma cadeira na Comissão para a Verdade e Reconciliação (Mandela, 2007:347).

pressionado internacionalmente. Países do todo o mundo começavam a impor sanções econômicas a Pretória. Por diversas vezes o governo propôs a soltura de Mandela, mas ele se recusava, pois havia restrições a serem seguidas, o que acabaria não sendo uma liberdade de fato. Mandela escreveu uma carta explicando sua recusa, imaginando que o governo pudesse usá-la para dar as explicações que lhes conviesse, e a entregou a seu advogado, que fez os jornais conhecerem seu conteúdo. A carta dizia:

Sou membro do Congresso Nacional Africano. Sempre fui membro do Congresso Nacional Africano e continuarei a ser membro do Congresso Nacional Africano até o dia de minha morte. Oliver Tambo é mais que um irmão para mim. É meu maior amigo e camarada há quase 50 anos. Se entre todos vocês há alguém que deseja minha liberdade, Oliver Tambo a deseja mais, e eu sei que ele daria a vida para me ver livre (...) Estou surpreso diante das condições que o governo quer me impor. Não sou um homem violento (...) Nós só nos voltamos para a luta armada quando e somente quando todas as outras formas de resistência já não estavam abertas para nós. Que Botha demonstre que é diferente de Malan, Strijdom e Verwoerd. Que renuncie à violência. Que diga que vai dismantelar o apartheid. Que revogue as proibições impostas aos membros da organização do povo, o Congresso Nacional Africano. Que liberte todos os que foram presos, banidos ou exilados porque se opuseram ao apartheid. Que garanta liberdade de atividade política de modo que o povo possa decidir quem irá governá-lo. Eu tenho um grande apreço por minha liberdade, mas tenho um apreço ainda maior pela de vocês. Pessoas demais morreram depois que eu fui para a cadeia. Um número grande demais de pessoas sofreu por amor à liberdade. Eu devo isso às viúvas, aos órfãos, às mães e aos pais enlutados que choraram pelos que morreram. Não fui o único a sofrer nestes anos infundáveis, solitários e perdidos. Meu amor à vida não é menor do que o de vocês. Mas não posso vender o meu direito inato à liberdade, nem estou disposto a vender o direito inato do povo a essa mesma liberdade (...) Que liberdade estão me oferecendo, se a organização do povo continua proibida? Que liberdade estão me oferecendo, quando eu posso ser preso por andar sem passe? Que liberdade estão me oferecendo para eu viver minha vida familiar, se minha querida esposa continua banida em Brandfort? Que liberdade estão me oferecendo se eu preciso pedir autorização para morar numa zona urbana? (...) Que liberdade estão me oferecendo, quando minha própria cidadania de sul-africano não é respeitada? Só o homem livre pode negociar. Os presos não podem firmar contratos (...) Não posso e não vou me comprometer a nada enquanto eu e vocês, o povo, não formos livres. A liberdade de vocês e a minha não podem ser separadas. Eu voltarei (Mandela, 1995: 426-427).

Na prisão, após uma visita médica rotineira, seu médico diagnosticou um aumento no tamanho de sua próstata e recomendou-lhe uma cirurgia. Mandela consultou sua família e em seguida foi operado, ficando por vários dias no Volks Hospital (Hospital do Povo). No Hospital, recebeu a visita do primeiro ministro, Sr. Kobie Coetsee, e conversaram como amigos, sem tocar em assuntos políticos. Quando recebeu alta, foi escoltado pelo brigadeiro Munro que lhe disse que sua nova cela seria no primeiro andar da prisão de Pollsmoor, não mais no terceiro andar, juntamente com seus amigos. Apesar de grande e espaçosa, o lugar fedia a mofo, Mandela preferia a cela anterior, porém pensou que na nova, e sozinho, poderia refletir melhor e dar início a mais um diálogo com os governantes, na intenção de reivindicar, novamente, a paz e a liberdade para os sul-africanos.

Na época, alguns chefes de Estado da Comunidade Britânica em Nassau se reuniram e criaram um Grupo de Pessoas Eminentes, na África do Sul, que deveriam dialogar e tentar negociar a paz entre o governo e o CNA. Faziam parte desse grupo o ministro da justiça, Kobie Coetsee, o General Willemse, Van der Merwe, o doutor Christian Barnard e Nelson Mandela.

Com o aumento da violência política e da pressão internacional, em agosto de 1989, após sofrer um enfarte, P. W. Botha renunciou à Presidência da República e Frederik Willem de Klerk assumiu seu lugar. Ele prometeu que trabalharia para implantar a paz na África do Sul.

Em 10 de outubro de 1989 os amigos de Mandela que haviam sido condenados à prisão perpétua junto com ele receberam indulto e foram libertados incondicionalmente. Neste mesmo ano, De Klerk começou a dissolver sistematicamente alguns fundamentos do *apartheid*. Abriu as praias sul-africanas a pessoas de todas as cores e estabeleceu que a Lei de Reserva de Instalações Separadas logo seria revogada. Extinguiu o Sistema de Administração de Segurança Nacional (que era uma estrutura secreta

estabelecida no governo de Botha para combater as forças contrárias ao *apartheid*).

Mandela escreveu uma carta à De Klerk dizendo que “*o conflito atual estava exaurindo o sangue vital da África do Sul e a única solução seria o estabelecimento de discussões*” (Mandela, 1995: 451).

E depois de muitas discussões chegaram a um acordo, a liberdade de Mandela. A data marcada para a soltura foi 11 de fevereiro de 1990. O horário marcado, 15h30minh. Mandela estava com Winnie. Passada meia hora do horário combinado, Mandela, bastante ansioso, disse: “*meu povo já me esperou vinte e sete anos e eu não quero fazê-los esperar mais*” (Mandela, 1995: 458).

Mandela e Winnie foram em comboio até quatrocentos metros antes do portão de saída, onde desceram e foram caminhando até a saída. Do lado de fora havia milhares de pessoas à sua espera, centenas de fotógrafos, operadores de televisão, repórteres e muita gente querendo desejar-lhe felicidades. No meio da multidão Mandela ergueu o braço direito, com o punho fechado, gesto-símbolo do CNA, e a multidão reagiu com veemência. Apesar de estar com setenta e um anos de idade, Mandela sentiu que sua “*vida estava começando de novo. Finalmente seus dez mil dias de prisão haviam terminado*” (Mandela, 1995:459).

No Grand Parade, local combinado para Mandela fazer seu primeiro discurso, disse:

Amigos, camaradas e conterrâneos sul-africanos. Eu os saúdo em nome da paz, da democracia e da liberdade para todos! Não estou aqui diante de vocês como profeta e sim como um servo humilde, um servo do povo. Os sacrifícios incansáveis e heróicos de vocês me possibilitaram estar aqui hoje. Por isso coloco em suas mãos os anos restantes de minha vida (Mandela, 1995: 461).

Em seguida, Mandela se reuniu com a Executiva Nacional do CNA e, depois de uma longa conversa, foi eleito vice-presidente do CNA. Nos seis meses seguintes à sua soltura, Mandela saiu em excursão por vários países.

Em 6 de agosto de 1990 o CNA e o governo assinaram um acordo que passou a ser conhecido como a Minuta de Pretória, e cujo objeto era o fim da luta armada.

Em 1993, morre Oliver Tambo. No mesmo ano, juntamente com De Klerk, Mandela ganha o Prêmio Nobel da Paz.

Em 10 de maio de 1994, por voto direto e, pela primeira vez, com a participação em massa do povo, com um percentual de 69,71% de comparecimento, Nelson Mandela é eleito Presidente da República da África do Sul.

### CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE ANÁLISE

Para a realização desta análise, servimo-nos da teoria da Metáfora Conceptual proposta por Lakoff e Johnson (1980/2002), da metodologia da Análise Crítica da Metáfora (ACM) proposta por Charteris-Black (2005) e da abordagem denominada Metáforas em uso ou Metáfora Sistemática ou, ainda, abordagem discursiva da metáfora de Lynne Cameron (2006).

Guiada por essas metodologias foram observados três papéis que a metáfora pode exercer num discurso político: o primeiro a metáfora como fenômeno cognitivo; o segundo, como instrumento de construção de ideologia; e por último, como estratégia de polidez. A escolha destes três se deu por uma questão de foco da pesquisa e não por serem os únicos papéis.

Para a interpretação das metáforas como fenômeno cognitivo, servimo-nos da teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980/2002) e para o mesmo fim, mas analisando-a em uso real, sobretudo, no seu sentido pragmático, nos apoiamos na abordagem da Metáfora em Uso (ou Sistemática) de Lynne Cameron (2006). Para apontá-las como instrumento ideológico foi considerada a teoria da ACM, de Charteris-Black (2005). E, por último, continuando com a linha do sentido pragmático, associamo-nos ao conceito de face de Goffman (1967), ponto de partida para a teoria de polidez de Brown e Levinson (1996), focalizamos a metáfora, também, como estratégia de polidez<sup>5</sup>.

Como objeto de estudo desta dissertação foi escolhido o Discurso Inaugural do líder sul-africano Nelson Mandela, proferido na ocasião de sua posse como presidente da África do Sul, no dia 10 de maio de 1994, em

---

<sup>5</sup> O posicionamento de Goffman (1967: 5) não se refere especificamente à metáfora, e sim ao conceito de face, tema central nos estudos da Teoria de Polidez, e o termo face é entendido pelo mesmo autor como atributos sociais positivos que uma pessoa reivindica para si mesma, baseando-se naquilo que é considerado socialmente aprovado.

Johannesburgo. Nelson Mandela é uma figura expressiva na luta pacífica contra todo tipo de discriminação e é um marco contra esse mal para os demais povos.

As metáforas interpretadas foram extraídas da tradução do discurso ao português. Este esclarecimento faz-se necessário porque algumas delas podem ser diferentes devido à tradução<sup>6</sup>. O texto original irá aparecer no rodapé, acompanhando as partes que estão sendo interpretadas.

O discurso em questão foi dividido em 9 recortes. Tais divisões obedeceram à ênfase dada aos diferentes assuntos abordados dentro do discurso, que serão explicados no primeiro parágrafo de cada recorte da análise, e seguirá a seqüência original do mesmo.

Para o procedimento da análise, em primeiro lugar, foram identificadas algumas das expressões metafóricas lingüísticas existentes em cada recorte, as que nos pareciam mostrar mais claramente a ideologia de Mandela e as que serviam como expressão de polidez. Para a identificação das metáforas consideramos as características apontadas por Berber Sardinha (2007:22), isto é, quando se verifica a presença de dois domínios, ou seja, duas áreas de conhecimento e a transferência de sentido de uma para a outra. Um outro elemento que consideramos para a identificação das mesmas é a incongruência existente entre o veículo e o contexto discursivo que o circunda (Cameron, 2003:59).

Num segundo momento, identificamos, seguindo a ordem original do discurso, a inferência da metáfora conceptual, apontando a presença de dois domínios e distinguindo o domínio alvo – parte mais abstrata e literal – do domínio fonte – parte real e metafórica. Assim foi possível apontar a

---

<sup>6</sup> Observação feita pelo Prof. Dr. Tony Berber Sardinha (PUCSP), durante o exame de qualificação realizado em 05 de junho de 2008.

compreensão de uma coisa em termos de outra (Lakoff & Johnson, 1980/2002:48).

E, por último, servindo-nos da Teoria da Análise Crítica da Metáfora e da Abordagem da Metáfora em Uso interpretamos as diferentes metáforas, buscando o seu sentido semântico, em seguida, seu sentido pragmático e, também, apontamos a incongruência entre o veículo e o contexto discursivo. Nesta parte foi de suma importância o posicionamento de Charteris-Black (2004:25), explicado no Capítulo I, página 40 desta dissertação, pois, durante a nossa interpretação tentamos apontar as intenções encobertas (e possivelmente inconscientes) de Mandela ao proferir o seu discurso inaugural. E, seguindo os objetivos desta dissertação, assinalamos os momentos em que o autor do discurso serviu-se da metáfora para expressar a sua ideologia e, também, para criticar os seus antecessores no poder de forma polida, salvaguardando as faces de seus antecessores e, conseqüentemente a própria face.

Durante a análise foram empregados alguns termos específicos dos estudos metafóricos e, nesta parte, queremos esclarecer o sentido dado, nesta dissertação, a cada um deles.

**Expressão metafórica:** expressão lingüística que é uma manifestação de uma metáfora conceptual. Geralmente composta de duas partes (abstrata e concreta ou metafórica e literal) (Berber Sardinha, 2007:31).

**Domínio:** área de conhecimento ou experiência humana (Berber Sardinha, 2007:31).

**Domínio Fonte:** é aquele a partir do qual conceitualizamos alguma coisa metafóricamente. Geralmente é algo concreto e advém da experiência (Berber Sardinha, 2007:31).

**Domínio Alvo:** é aquele que será conceituado por meio da metáfora, é a parte abstrata da expressão (Berber Sardinha, 2007:31).

**Veículo:** parte da expressão que contém palavras usadas metaforicamente (Berber Sardinha, 2007:42).

**Tópico:** parte da expressão que contém palavras a que se referem os veículos (Berber Sardinha, 2007:42).

**Incongruência semântica:** quando numa expressão não há correspondência entre o veículo e o contexto discursivo e é uma condição necessária para identificar as metáforas lingüísticas (Cameron, 2003:59).

A análise inicia-se identificando uma série de metáforas lingüísticas, que oferecem ligações semânticas comuns para referir-se a um fato, neste caso ascensão de Mandela ao poder e uma outra série, com as mesmas características do grupo anterior, para criticar seus antecessores no poder. Para posteriormente, seguir a ordem seqüencial dos recortes, identificando, analisando e interpretando os diferentes tipos de metáforas presentes no discurso em questão.

## CAPÍTULO IV - ANÁLISE DE DADOS

*“(...) embora o fim do nosso primeiro governo democrático esteja próximo, a tarefa de construir uma vida melhor para todos não pode parar, mesmo por um único dia”.*

*Nelson Mandela*

Iniciamos este capítulo, considerando dois grupos de expressões metafóricas, que aqui serão entendidos como Metáforas em Uso ou Sistemáticas, pois segundo Berber Sardinha (2007:39) a Metáfora em Uso é uma “formulação metafórica abstrata que resume uma série de metáforas lingüísticas usadas por um indivíduo ou grupo de pessoas em determinado contexto”. As séries de metáforas são formadas por ligações semânticas comuns. Pois a referida abordagem parte da hipótese de que qualquer afirmação sobre a existência da metáfora conceptual só poderá ser feita a partir de dados concretos colhidos em determinado contexto.

Serão interpretadas as expressões metafóricas em uso, num contexto específico, isto é, a nossa análise iniciar-se-á considerando, em primeiro lugar, as realizações lingüísticas, para depois, considerarmos, também, as representações mentais das expressões.

O que chama a atenção, no discurso em questão, é a grande quantidade de ocorrências de expressões metafóricas ligadas entre si semanticamente. A seguir listamos uma série dessas metáforas que apontam para um mesmo sentido, isto é, à conceitualização do governo de Mandela.

*conferimos glória e esperança à liberdade que acaba de nascer  
deve nascer uma sociedade da qual toda a humanidade se orgulhe  
esperanças de uma vida mais gloriosa para todos  
temos uma sensação de renovação pessoal  
A atmosfera nacional muda como mudam as estações*

*a grama reverdece e as flores brotam  
a humanidade nos re-acolheu em seu seio  
uma vitória comum da justiça, da paz, da dignidade humana  
chegou o momento de curar as feridas  
chegou o momento de transpor os fossos que nos separam  
O momento de construir está sobre nós  
Logramos dar os passos finais para a liberdade  
guiar nosso país para fora do vale das trevas  
nascimento de um novo mundo*

Em todas essas expressões, citadas acima, parece-nos que Mandela - uma pessoa concreta, num determinado contexto – usou expressões com sentido semântico comum, em referência a um fato: o significado do início do seu governo. Portanto, é possível identificar o uso sistemático de certas expressões, que podemos definir como uma série de metáforas lingüísticas que expressa uma metáfora abstrata (Berber Sardinha, 2007:38), isto é, é o indício da presença de alguma metáfora conceptual. Neste caso, a metáfora sistemática formada poderia ser A MINHA POSSE COMO PRESIDENTE DA AFRICA DO SUL É O INÍCIO DE ALGO BOM PARA TODOS. Segundo Cameron (2003:59), a presença da incongruência semântica entre o veículo e o contexto discursivo, independente de sua compreensão pelo ouvinte como metáfora, é a característica de uma metáfora lingüística. Ainda queremos destacar que todas essas expressões estão ligadas principalmente ao contexto discursivo.

Ainda seguindo na mesma linha de interpretação, também é possível identificar um outro grupo de expressões metafóricas com um único sentido semântico, neste caso para conceitualizar as ações de seus antecessores no poder.

*A profunda dor que todos carregamos em nossos corações quando vimos nosso país se dilacerar num terrível conflito, e o vimos rejeitado, condenado e excluído pelos povos do mundo.  
nós, que éramos não há muito tempo banidos, temos hoje o raro privilégio de ser anfitriões das nações do mundo em nosso próprio solo.  
(...) de forças sangüinárias que ainda se recusam a ver a luz.*

Nessas expressões metafóricas é possível identificar uma série de metáforas lingüísticas, descrevendo, de maneira negativa, a época que antecedeu à sua posse no poder. Portanto, há indício de que Mandela tenha se servido das metáforas conceptuais para criticar polidamente os seus antecessores no poder. Neste caso, as metáforas sistemáticas instauradas podem ser, entre outros: OS ANTECESSORES SÃO CARGAS, OS ANTECESSORES SÃO RUINS PARA O POVO SUL-AFRICANO.

Daqui em diante, como indicado no capítulo da metodologia, a nossa análise seguirá a seqüência original do discurso, iniciando pela identificação das metáforas lingüísticas e conceptuais presentes no discurso, logo, a interpretação das mesmas, no seu sentido semântico e pragmático.

## Recorte 1

1- *Majestades, Altezas, Ilustres Convidados, Companheiros e Amigos:*

2- *Hoje, todos nós, realmente, mediante nossa presença aqui, e nossas celebrações em outras partes do nosso país e*  
 3- *do mundo, conferimos glória e esperança à liberdade que acaba de nascer*<sup>7</sup>.

Neste primeiro recorte o texto aponta as celebrações que acontecem em várias partes da África do Sul pela posse do novo presidente, Nelson Mandela, e faz alusão a que as celebrações não se limitam apenas à África do Sul, mas ocorrem, também, em outras partes do mundo. Parece que Mandela entende que a libertação da África do Sul das mãos dos opressores significa glória e esperança para o mundo, pois muitos dos que conheceram a realidade sofrida daquele país, certamente sentiram-se vitoriosos e, sobretudo, esperançosos de um porvir melhor.

A primeira metáfora identificada aqui está na linha 3, liberdade que acaba de nascer. A identificação deu-se devido à presença de dois domínios, ou duas

---

<sup>7</sup> 1- *Your Majesties, Your Highnesses, Distinguished Guests, Comrades and friends:*

2 - *Today, all of us do, by our presence here, and by our celebrations in other parts of our*

3 - *country and the world, confer glory and hope to newborn liberty.*

áreas de conhecimento ou experiência humana (Berber Sardinha, 2007:31), que também podemos denominar de domínio *alvo*, a parte abstrata da expressão e domínio *fonte*, a parte concreta ou metafórica da expressão. No caso específico da metáfora identificada nesse trecho, temos o termo abstrato liberdade que será definido pelo termo concreto nascer. Portanto, aqui se exprime o que Lakoff e Johnson (1980/2002:47) chamam de compreender uma coisa em termo de outra: a liberdade será compreendida em termos de um ser animado, neste caso em termo do nascer. Uma outra metáfora que queremos considerar deste recorte aparece, também, na linha 3, *conferimos glória e esperança à liberdade*. Quando alguém confere glória e esperança espera-se que o faça para alguém, aqui, Mandela desloca a glória e a esperança das pessoas para a liberdade.

Segundo Cameron (2003:59) a incongruência entre o veículo e contexto discursivo evidencia a presença de metáforas lingüísticas. Tomando a primeira metáfora identificada neste recorte, *liberdade que acaba de nascer*, é possível evidenciar a incongruência entre os termos *liberdade* e *nascer*. Nascer, o termo metafórico ou domínio fonte, no seu sentido semântico, nos leva a entender como próprio do ser humano e de animais e, servindo-nos da nossa experiência passada, remete-nos ao início de um novo ser. Mas, aqui, o veículo metafórico, nascer, refere-se à liberdade, portanto, é possível perceber que há uma incongruência semântica. E, referindo-nos à segunda metáfora identificada neste recorte, *conferimos glória e esperança à liberdade*, é possível identificar o sentido semântico dos termos glória e esperança, aqui concedidas à liberdade que acaba de nascer. Glória, no sentido semântico, remete-nos a um triunfo ante uma batalha; esperança à espera de algo melhor (próprio do ser humano). Mas, aqui, esses veículos metafóricos (glória e esperança) referem-se, também, à liberdade, portanto, é possível perceber que há uma incongruência semântica. E, seguindo, o critério exposto por Cameron (2003:59), as duas metáforas identificadas neste recorte são metáforas lingüísticas.

Na primeira metáfora, *liberdade que acaba de nascer*, tendo em conta as presenças de dois domínios ou duas áreas de conhecimento humano, distinta uma da outra, *liberdade*, o domínio alvo, que será conceituado pelo veículo metafórico *nascer*, que é um termo concreto e, portanto, podemos chamá-lo de domínio fonte. Mandela, ao dizer *liberdade que acaba de nascer*, tendo em conta o contexto em que foi proferido o discurso, parece querer identificar o seu governo, que acaba de se iniciar, com a *liberdade* e para expressar serviu-se do termo concreto, *nascer*, que, como já apontamos, no seu sentido semântico, vem a ser o início de uma vida, isto é, uma criança, daí podemos encontrar a seguinte metáfora conceptual de tipo estrutural, MEU GOVERNO É UMA CRIANÇA. Como toda criança o seu governo necessitará de cuidados para que possa crescer. Também é possível perceber a presença de uma metonímia ao identificar, Mandela, o seu governo com a liberdade.

Ainda nos mesmos veículos metafóricos, no recorte 1, podemos identificar, ao serem conferidas a *glória* e a *esperança* à liberdade, que acaba de *nascer*, os sentidos ontológicos, pois se dá poder à liberdade, sabendo que *glória* e *esperança*, no sentido semântico e guiado por experiências passadas, como já foi afirmado anteriormente, são conferidas a pessoas, portanto, podemos identificar, aqui, a presença de uma metáfora conceptual de tipo ontológica, concretizando algo abstrato e personificando a liberdade.

Ora, nas mesmas metáforas, considerando os seus sentidos pragmáticos, vemos que Mandela, ao conferir *glória* e *esperança* à liberdade que acabara de *nascer*, parece querer afirmar que a sua posse como presidente de seu país trará algo bom para aquele povo. E deixa subentendido seu descontentamento por seus antecessores no governo, pois se com a sua posse nasce a liberdade, deixa a entender que antes não havia liberdade, porém, não proferiu de maneira desvelada, aqui lembra-nos o objetivo da Análise Crítica da Metáfora: “revelar as intenções encobertas (possivelmente inconscientes) dos usuários da língua”

(Charteris-Black, 2004:25). Também podemos entender que Mandela serviu-se da metáfora para expressar de maneira polida o seu descontentamento.

Mandela parece ter se servido, também, da metáfora conceptual, do tipo ontológico ao dar vida à liberdade, conferindo-lhe glória e esperança, pois estava sendo gerada e acaba de nascer. Considerando o contexto histórico, parece significar, aqui, o resultado da luta de 342<sup>8</sup> anos, que atravessou fronteiras, enterrou gerações na luta por uma ideologia pacifista do candidato que acabava de assumir o poder. A metáfora nascer pode ser considerada como uma personificação da liberdade, isto é, uma metáfora conceptual, a palavra liberdade é um substantivo abstrato, mas, aqui, assume o poder de concretizar um desejo de esperança que há muitos habitava nos corações, tanto no do emissor que ali proferia tais palavras, Nelson Mandela, quanto no dos receptores que esperavam a liberdade, o povo sul-africano.

Nesse recorte ainda é possível identificar a inclinação ideológica de Mandela em acreditar que toda a humanidade se alegrava com sua posse, pois esse fato representava a esperança de um renascimento da África do Sul e o rompimento com o sistema opressivo, presente durante tanto tempo naquela terra ao conferir glória e esperança à liberdade que acabava de nascer (...).

## Recorte 2

4- *A partir da experiência de um extraordinário desastre humano, que se prolongou em demasia, deve*

5- *nascer uma sociedade da qual toda a humanidade se orgulhe*<sup>9</sup>.

Neste segundo recorte, o autor descreve uma experiência que o povo sul-africano teve, que não foi uma experiência qualquer, mas “uma *experiência de*

<sup>8</sup> A partir da chegada dos holandeses à cidade do Cabo, ocorrido em 1652 até a ascensão no poder de Nelson Mandela, ocorrido em 1994, o povo sul-africano passou por imposições políticas, econômicas e culturais dos brancos (<http://www.africadosul.org.br/historia.asp#Fim>)

<sup>9</sup> 4 - *Out of the experience of an extraordinary human disaster that lasted too long, must be*

5 - *born a society of which all humanity will be proud.*

*um extraordinário desastre humano* ” e que durou anos (a história nos conta que durou 342 anos), e que aquele momento da sua posse era motivo de orgulho não só daquele povo, mas de toda a humanidade, porque foi um momento de ascensão ao poder de alguém que pertencia à raça negra, discriminada naquele país, de alguém que teve sua vida transformada na prisão, e, a partir daí, lutou pacificamente durante anos pelo direito de igualdade, pela justiça, enfim, pela não segregação racial e eleito diretamente pelo povo.

Os veículos metafóricos a serem interpretados neste recorte vêm a ser as palavras nascer e orgulhe. Nascer, no seu sentido semântico nos remete ao início de um novo ser, próprio dos seres humanos e animais. Orgulhe nos leva entender como uma adjetivação do sentimento tipicamente humano. Mas neste trecho o que vai nascer não é um ser humano nem um animal, mas uma sociedade e, quem se orgulha, também, não é uma pessoa e sim a humanidade, portanto, há nas duas palavras, claramente, uma incongruência semântica, motivo pelo qual as identificamos como metáforas lingüísticas e as interpretaremos no seu sentido pragmático.

Seguindo as orientações metodológicas da Análise Crítica do Discurso (ACD) proposta por Fairclough (1999) vemos que o discurso, neste recorte, expressa a realidade sócio-histórica de um povo sofrido “*que experienciou um extraordinário desastre humano que se prolongou em demasia (...)*”. E, também, é possível ver na afirmação “*(...) deve nascer uma sociedade da qual toda a humanidade se orgulhe*”, a presença de uma metáfora conceptual de tipo ontológica, pois o ato de nascer e orgulhar-se, aqui, dão vida a seres inanimados, à sociedade que está nascendo e à humanidade que se orgulha, isto é, a sociedade assume ações humanas ou animais e a humanidade assume um sentimento tipicamente humano. É possível identificar, aqui, que os termos sociedade e humanidade, sendo entidades próximas, como metonímia (Berber Sardinha, 2007:23).

Continuando com a busca dos sentidos pragmáticos destas metáforas vemos, no discurso, a esperança do nascimento de uma nova sociedade de que se orgulhará a humanidade: (...) deve nascer uma sociedade da qual toda a humanidade se orgulhe. Mandela, servindo-se destes dois termos metafóricos critica sutilmente a sociedade que negou do povo sul-africano os seus direitos. E aqui o denomina de, (...) *desastre humano* (...), e ainda mais (...) *que se prolongou em demasia* (...), mas não faz crítica direta, usando assim, a estratégia de salvaguarda da face sustentada pela Teoria da Polidez de Brown & Levinson (1996), inspirada no conceito de face de Goffman (1967). É importante observar que quando Mandela usa ‘desastre humano’ e ‘humanidade’ ou ‘sociedade’ se refere genericamente a todos os sul-africanos, brancos e negros, sem distinção.

### Recorte 3

- 6- *Nossas ações cotidianas como sul-africanos comuns têm de produzir uma realidade sul-africana*  
 7- *verdadeira que reforce a crença da humanidade na justiça, fortaleça sua confiança na nobreza da alma*  
 8- *humana e sustente todos as nossas esperanças de uma vida mais gloriosa para todos.*  
 9- *Devemos tudo isso a nós mesmos e aos povos do mundo que se acham tão bem*  
 10- *representados aqui hoje<sup>10</sup>.*

Neste recorte, na linha 6, o texto reivindica que as ações cotidianas dos sul-africanos deveriam produzir (*must produce* = devem produzir) a realidade daquele país, e não a dos opressores “*Nossas ações cotidianas como sul-africanos comuns devem produzir uma realidade*” que seja justa e nobre. Também descreve a responsabilidade que recai sobre os sul-africanos, de serem justos e de merecerem confiança, para assim sustentar uma vida mais gloriosa, isto é, uma vida mais digna, como podemos ver na linha 7 “(...) *que reforce a crença da humanidade na justiça, fortaleça sua confiança na nobreza*

---

<sup>10</sup> 6 - *Our daily deeds as ordinary South Africans must produce an actual South African reality*  
 7 - *that will reinforce humanity's belief in justice, strengthen its confidence in the nobility of*  
 8 - *the human soul and sustain all our hopes for a glorious life for all.*  
 9 - *All this we owe both to ourselves and to the peoples of the world who are so well*  
 10- *represented here today.*

*da alma humana e sustente todos as nossas esperanças de uma vida mais gloriosa para todos”.*

O discurso, nesta parte, parece expressar que as ações cotidianas do povo sul-africano não haviam construído uma verdadeira realidade da África do Sul, mas de agora em diante, graças ao próprio povo e aos presentes (representantes de outros países) no ato em que estava sendo proferido o discurso, seria possível reforçar, cada vez mais a crença na justiça e a confiança na nobreza da alma humana, isto é, na bondade do ser humano, pois estavam fartos de tanto sofrimento e desigualdade, impostos pelos seus antecessores no poder.

Para interpretar este trecho do discurso identificamos quatro veículos metafóricos, elas são: reforce, fortaleça, sustente e devemos. Seguindo nossa linha metodológica de interpretação, primeiro identificaremos os seus sentidos semânticos e, logo, os seus sentidos pragmáticos. A palavra reforce, do verbo reforçar, segundo o significado anotado pelo dicionário de Aurélio, quer dizer tornar mais forte, mais sólido, mais intenso, dar mais força; a palavra fortaleça, no seu sentido semântico nos remete a segurança, solidez, constância, energia, tornar-se forte, robustecer; sustente, do verbo sustentar, sugere-nos a idéia de segurar algo por baixo, impedindo que caia e, por último, a palavra devemos nos remete a uma dívida e quando se deve sempre é a alguém. Esses verbos identificados como metafóricos, ao mesmo tempo, é possível notar que metaforizam também os termos abstratos que eles predicam, tais como a crença da humanidade, a confiança na nobreza da alma, as nossas esperanças.

Mas, nesta parte do discurso, o autor, ao proferir estes termos: reforce, fortaleça, sustente e devemos, parece não querer dizer o que os sentidos semânticos expressam.

Quando Mandela afirma: *nossas ações cotidianas como sul-africanos comuns têm de produzir uma realidade sul-africana verdadeira que reforce a crença da*

*humanidade na justiça*, parece exprimir a sua ideologia, ao sugerir que as ações cotidianas dos sul-africanos têm de produzir uma realidade que não é mais a dos opressores. Isto é, ainda que ele não se refira à ideologia reinante até então naquela terra como ideologia de fora, parece-nos que ele insinua que a ideologia reinante seja principalmente a oriunda da Inglaterra e da Holanda, que sempre reinaram naquele país, mas desse momento em diante a ideologia reinante seria a das pessoas daquela terra, reforçando o que diz Charteris-Black (2005:21) sobre a ideologia como um sistema de crenças através do qual um grupo social particular cria os significados que justificam sua própria existência, ou seja, um exercício de auto-legitimação. E tudo isso fará com que a crença da humanidade na justiça se reforce. Aqui parece estar claro o que esta metáfora lingüística expressa, isto é, ao mesmo tempo expressa a ideologia de Mandela, também podemos identificar no mesmo termo – reforce – uma forma sutil de criticar seus antecessores ao poder, pois ao afirmar que a realidade sul-africana verdadeira é a que vai reforçar a crença na justiça, parece querer dizer que a realidade presente até então naquele país não era a que poderia reforçar a crença na justiça. Portanto, Mandela serviu-se da metáfora como estratégia de polidez para fazer crítica. Assim também o termo fortaleça expressa, no mesmo sentido, a ideologia do autor do discurso. Ora, o termo sustente expressa que somente a vivência verdadeira da forma de vida própria sul-africana será a que sustentará uma vida mais gloriosa para todos, isto é, uma vida mais justa. Mas, tudo isso não é possível dever para alguém, como expressaria o sentido semântico deste termo, senão devemos a nós mesmos, isto é, isso ninguém fará pelo povo sul-africano a não ser o próprio povo.

Ainda neste recorte, na linha 6, *Nossas ações cotidianas como sul-africanos comuns têm de produzir uma realidade sul-africana verdadeira*, chama a atenção, pois, Mandela refere-se às nossas ações como agente que deve produzir a realidade sul-africana verdadeira, e não usa o pronome nós, ou seja, ele não diz: nós devemos produzir uma realidade sul-africana verdadeira. Ao não se referir dessa forma parece que nossas ações são agentes separados de

nós e que tem vida própria, portanto, parece-nos que Mandela, nesta parte o discurso, serviu-se de uma metáfora conceptual de tipo ontológica, dando vida às nossas ações, como o agente de mudança.

#### Recorte 4

- 11- *Não tenho nenhuma hesitação em dizer aos meus compatriotas que cada um de nós está tão*
- 12- *intimamente ligado ao solo deste lindo país como o estão os famosos jacarandás de Pretoria e as*
- 13- *mimosas da “bushveld [savana tropical]”.*
- 14- *A cada toque nosso no solo desta terra, temos uma sensação de renovação pessoal.*
- 15- *O estado de espírito nacional muda como mudam as estações.*
- 16- *Somos impelidos por um sentido de prazer e alegria quando a grama reverdece e*
- 17- *As flores brotam.*
- 18- *A unicidade espiritual e física que todos partilhamos com esta pátria explica a*
- 19- *profunda dor que todos carregamos em nossos corações quando vimos nosso país se dilacerar num*
- 20- *terrível conflito, e o vimos rejeitado, condenado e excluído pelos povos*
- 21- *do mundo precisamente porque ele se tornou a base universal da prática ideológica*
- 22- *perniciosa do racismo e da opressão racial<sup>11</sup>.*

Nesta parte do discurso, Mandela serve-se de diferentes metáforas para expressar seu otimismo e dirigir-se a todos os presentes naquele ato e referir-se aos habitantes daquele solo como aqueles que estão *intimamente ligados ao solo daquele lindo país*. Mandela iguala-se ao povo ao dizer *cada um de nós tem a sensação de renovação pessoal*, assim ele assume a sensação de todos, e mais, sente-se, em nome de todos, impelido por um sentimento de prazer e alegria.

---

<sup>11</sup> 11- *To my compatriots, I have no hesitation in saying that each one of us is as intimately*  
 12- *attached to the soil of this beautiful country as are the famous jacaranda trees of Pretoria*  
 13- *and the mimosa trees of the bushveld.*  
 14- *Each time one of us touches the soil of this land, we feel a sense of personal renewal.*  
 15- *The national mood changes as the seasons change.*  
 16- *We are moved by a sense of joy and exhilaration when the grass turns green and the*  
 17- *flowers bloom.*  
 18- *That spiritual and physical oneness we all share with this common homeland explains*  
 19- *the depth of the pain we all carried in our hearts as we saw our country tear itself apart in*  
 20- *a terrible conflict, and as we saw it spurned, outlawed and isolated by the peoples of the*  
 21- *world, precisely because it has become the universal base of the pernicious ideology*  
 22- *and practice of racism and racial oppression.*

Aqui identificamos cinco veículos metafóricos a serem interpretados, eles são: ligado ao solo, toque nosso, renovação, estado de espírito, somos impelidos.

Ligado ao solo como os jacarandás, ligado, particípio passado do verbo ligar, o dicionário de Língua Portuguesa A.L.A. (p.456) o define como prender com laço, atar, misturar, unir por vínculos morais ou afetivos. Toque nosso, definido pelo mesmo dicionário (cit.up.) como pôr a mão, ter contato. Nos leva a entender um momento de contato, de manuseio, não expressa algo definitivo, mas passageiro. Renovação, no seu sentido semântico, nos remete à mudança para algo melhor, fazer novo algo que já existe. Estado de espírito expressa animação ou desânimo de alguém, estado próprio do ser humano. Somos impelido, particípio do verbo impelir, no seu sentido semântico, nos leva a entender que somos empurrados, forçados, lançados de algum lugar para outro Língua Portuguesa A.L.A. (p.408).

Mas, nesta parte do discurso, parece-nos que Mandela não usou estes termos nos seus sentidos semânticos, pois, ao dizer ligado ao solo ele está se referindo aos habitantes daquele país; ao dizer toque nosso, parece referir-se não a um estado físico, mas emocional, afetivo; o termo renovação, ele usa para designar um sentimento pessoal e não mudança de algo; o estado de espírito é usado não como se fosse uma característica do ser humano, senão refere-se a um estado de espírito da nação sul-africana e, por ultimo; ao pronunciar somos impelidos, parece Mandela querer expressar que há uma obrigação de estar alegres pela nova situação que está surgindo ao assumir o governo daquele país, portanto, podemos identificá-las como metáforas lingüísticas, pois “uma metáfora lingüística pode ou não ter sido entendida como metáfora” (Berber Sardinha, 2007:40). Parece-nos que nestes veículos metafóricos há uma incongruência semântica ou ainda, não expressam o esperado e daí a necessidade da interpretação metafórica.

Nas linhas 11 e 12 encontramos a frase (...) “*cada um de nós está tão intimamente ligado ao solo deste lindo país*” (...). Ligado ao solo, no seu sentido pragmático, isto é, considerando o contexto discursivo, sugere-nos que Mandela está se referindo a aqueles que pisam o solo sul-africano, a aqueles que sobrevivem com os frutos colhidos naquele solo, aqueles que trabalham naquela terra, ou seja, refere-se a todos os que habitam a terra sul-africana, inclusive os europeus que se sustentam daquela terra. Queremos dizer que Mandela serviu-se desta expressão metafórica para expor a sua ideologia, pois valoriza seu país, sua terra, e tenta com que os sul-africanos se orgulhem por fazerem parte dessa terra, por estarem ligados ao solo. Também deixa entender que o sistema de governo iniciado naquele momento iria trazer (...) *um sentido de prazer e alegria* (...) (linha 16), “prazer e alegria” para todos os que estavam naquela terra, sem distinção. Também na linha 14, encontramos a frase “*a cada toque nosso no solo desta terra, temos uma sensação de renovação pessoal*”, esta renovação parece estar ligada, também, à nova situação política iniciada naquele momento, vendo assim, podemos interpretar que Mandela serviu-se, por uma parte, da metáfora como expressão ideológica, pois a nova sensação de otimismo parece estar ligada diretamente com as promessas de mudanças, as quais ele sempre almejou e que era a filosofia de seu governo; por outra parte, é possível interpretar nessas mesmas metáforas lingüísticas, especialmente no termo renovação, a forma polida de expressar seu descontentamento, pois quando algo se renova, quer dizer que o que existia, não serve mais. Aqui parece querer referir-se às formas de governos que o antecederam; assim ele serviu-se da metáfora para salvaguardar as faces de seus antecessores e, ao mesmo tempo, a sua própria face.

Ainda retomando as linhas 14 e 15, (...) “*O estado de espírito nacional muda como mudam as estações*” (...), podemos interpretar como se Mandela estivesse dizendo que as esperanças, as expectativas mudam conforme mudam os governantes e suas respectivas ideologias, e que a África do Sul já havia muito tempo não via “as novas estações”, sempre reinava naquele país as “mesmas

atmosferas” de opressão, de segregação racial, e que com a sua posse estava se iniciando uma nova fase e se estava concretizando o sonho do povo sul-africano. Aqui, novamente, pode ser percebido que essa metáfora lingüística está sendo empregada como expressão ideológica, também, mais uma vez, manifesta polidamente que o antes era pior.

Nas linhas 16 e 17, temos a frase, “Somos impelidos por um sentimento de prazer e alegria quando a grama reverdece e as flores brotam”, na qual é possível perceber uma metáfora lingüística. O ato de serem impelidos por um sentimento mostra um corte na lógica, pois o ato de impelir requerer forças que o sentimento não possui, mas aqui, buscando o seu sentido pragmático podemos entender que eles, os sul-africanos, estão repletos de alegria por esse novo fato, pela ascensão de uma pessoa negra, discriminada como a maioria do povo sul-africano, ao poder. Portanto, aqui Mandela parece servir-se da metáfora lingüística para expressar a sua ideologia, isto é, a interpretação metafórica nos fornece que Mandela identifica sua ascensão ao poder com a alegria geral do povo.

Ainda que não tenhamos anunciado no início da interpretação deste recorte, vemos, neste mesmo recorte, dois veículos metafóricos: prazer e alegria exercendo função sobre os sujeitos do discurso, ou seja, sobre Mandela e seus compatriotas, pois o mesmo ao proferir estas palavras o faz em primeira pessoa do plural “*somos impelidos*”, interpretando assim, podemos dizer que nesta parte o discurso vale-se de uma metáfora conceptual de tipo ontológica para expressar o seu entusiasmo, pois o prazer e a alegria exercem ações sobre as pessoas.

Continuando, nestas mesmas linhas, encontramos a expressão “(...) a grama reverdece e as flores brotam”. Aqui parece não se referir à grama e às flores de maneira literal, mas ao surgimento de uma nova situação dentro do país, isto é, um novo governo está surgindo. Portanto, a metáfora constituída pode ser: A

MINHA POSSE É FLOR. Esta metáfora permite-nos interpretar que Mandela, serviu-se da metáfora conceptual de tipo estrutural para expressar a sua ideologia, isto é, que a sua posse trará momentos melhores para aquele país.

## Recorte 5

- 23- *Nós, o povo da África do Sul, nos sentimos plenos porque a humanidade nos re-acolheu em seu seio,*  
 24- *porque nós, que éramos há não muito tempo banidos, temos hoje, o raro*  
 25- *privilegio de ser anfitriões das nações do mundo em nosso próprio solo.*  
 26- *Agradecemos a todos os nossos ilustres convidados internacionais por terem vindo tomar posse*  
 27- *ao lado do povo de nosso país de algo que é acima de tudo uma vitória comum da justiça,*  
 28- *da paz, da dignidade humana.*  
 29- *Acreditamos que vocês continuarão do nosso lado enquanto enfrentamos os desafios de construir a paz,*  
 30- *a prosperidade, o não-sexismo, o não-racismo e a democracia*<sup>12</sup>.

Aqui, Mandela agradece aos convidados presentes na cerimônia de sua posse, pois, vieram tomar também posse junto com seu povo, da vitória da justiça. Essa vitória da justiça significa a vitória de um grupo, em sua maioria, formado por negros e muitos simpatizantes brancos que apoiavam a luta contra o apartheid. Expressa, ainda, que acredita que as demais nações o apoiarão na construção da paz, da prosperidade e da democracia.

Neste trecho, na linha 23, identificamos uma metáfora, (...) *a humanidade nos re-acolheu em seu seio*. Nesta expressão metafórica podemos notar que o termo: humanidade, podemos considerá-lo como o domínio alvo e *re-acolheu em seu seio*, como o domínio fonte. O termo *humanidade* é um termo abstrato que será conceituado pelo veículo metafórico seio, que vem a ser um termo

---

<sup>12</sup> 23- *We, the people of South Africa, feel fulfilled that humanity has taken us back into its*  
 24- *bosom, that we, who were outlaws not so long ago, have today been given the rare*  
 25- *privilege to be host to the nations of the world on our own soil.*  
 26- *We thank all our distinguished international guests for having come to take possession*  
 27- *with the people of our country of what is, after all, a common victory for justice, for*  
 28- *peace, for human dignity.*  
 29- *We trust that you will continue to stand by us as we tackle the challenges of building*  
 30- *peace, prosperity, non-sexism, non-racialism and democracy.*

concreto, parte do corpo de mulher, portanto, podemos identificá-la como uma metáfora conceptual que, segundo Berber Sardinha (2007:34), tais metáforas são, em maior ou menor grau, corporificadas, isto é, possuem uma base no corpo humano. Também queremos marcar aqui que as metáforas conceptuais têm uma coerência cultural (Lakoff & Johnson, 1980/2002:71) e o ato de acolher perto do seio, na cultura ocidental, é um ato próprio da mãe que recebe o filho, oferecendo-lhe carinho, afeto, aconchego, proteção, etc. Nesta parte do discurso, Mandela afirma que é a humanidade quem acolhe, portanto, podemos verificar a metáfora conceptual A HUMANIDADE É MÃE e, por conseguinte, A AFRICA DO SUL É UM BEBÊ e podemos, ainda, mapear da seguinte forma: o bebê é o próprio país que acaba de nascer, ainda aqui podemos dizer que Mandela serviu-se da metáfora conceptual para criticar seus antecessores sem ofendê-los, salvaguardando assim as respectivas faces, pois se a África do Sul é um bebê quer dizer que antes o que existia não era aquele país. A mãe do bebê é a humanidade que naquele ato é representada pelas autoridades do mundo inteiro presentes no ato da posse, *agradecemos (...) os nossos ilustres convidados internacionais por terem vindo tomar posse*, aqui, Mandela parece servir-se da metáfora para expressar a sua ideologia, pois a sua vitória, ele a identifica como a da paz, a da justiça, a da dignidade humana e não simplesmente sua própria vitória.

O trecho do discurso onde lemos: *“agradecemos (...) os nossos ilustres convidados internacionais por terem vindo tomar posse ao lado do povo de nosso país de algo que é acima de tudo uma vitória comum da justiça, da paz, da dignidade humana”* podemos comparar com as palavras proferidas por Martin Luther King, cujo discurso foi analisado por Rodrigues (2006), um líder negro religioso, norte-americano, que como Mandela, lutou pacificamente para acabar com o preconceito racial e tantas injustiças cometidas em seu país, Estados Unidos, e que foi morto covardemente logo após ter proferido seu mais famoso discurso *“I Have a Dream”*, em 1963.

No recorte a seguir, podemos ver a semelhança no uso das metáforas de tipo ontológica entre Martin Luther King e Nelson Mandela:

*“(...) now is the time to rise from dark and desolate valley of segregation to the sunlit path of racial justice; now is the time to lift our nation from the quicksands of racial injustice to the rock of brotherhood; now is the time to make justice a reality for all God’s children” (...)*

*“(...) [agora é hora de se fazer promessas reais de democracia; agora é hora de se levantar do vale desolado da segregação para o caminho iluminado da justiça racial; agora é hora de levantar nossa nação da areia movediça da injustiça racial para a sólida rocha da fraternidade; agora é hora de se fazer da justiça uma realidade para todas as crianças de Deus (...)]* (apud Rodrigues, 1996: 113-114)

Segundo Rodrigues, essas palavras refletiam os sentimentos de King naquele momento histórico, que o faziam comparar a segregação racial a um vale escuro e a justiça a um caminho iluminado, ao qual poderiam chegar, como uma vitória.

Nas linhas 29 e 30 *“(...) Acreditamos que vocês continuarão do nosso lado enquanto enfrentamos os desafios de construir a paz, a prosperidade, o não-sexismo, o não-racismo e a democracia (...)*” é possível identificar uma metáfora conceptual de tipo ontológica, os termos paz, prosperidade, sexismo, racismo e a democracia são termos abstratos que serão conceituados pelo domínio fonte ou veículo metafórico construir, termo concreto que se refere a edificação de casas, portanto podemos chegar às seguintes metáforas conceptuais de tipo estrutural: PAZ É CONSTRUÇÃO, PROSPERIDADE É CONSTRUÇÃO, NÃO SEXISMO É CONSTRUÇÃO, NÃO RACISMO É CONSTRUÇÃO, DEMOCRACIA É CONSTRUÇÃO. Mandela, ao servir-se dessas metáforas estruturais, parece expressar uma estratégia de polidez, criticando os governos anteriores, que não se preocuparam com a “construção”.

## Recorte 6

- 31- *Agrada-nos profundamente o papel que as massas de nosso povo e de sua massa política*  
 32- *democrática e religiosa, as mulheres, a juventude, das empresas, os líderes tradicionais e outros tiveram na luta para*  
 33- *chegarmos a este desfecho. Não é menos importante entre eles meu Segundo Vice-Presidente*  
 34- *o Honorável F. W. de Klerk.*  
 35- *Também gostaríamos de agradecer às nossas forças de segurança, em todas as suas patentes, pelo*  
 36- *destacado papel que têm desempenhado para proteger nossa primeira eleição democrática e a transição*  
 37- *para a democracia de forças sanguinárias que ainda se recusam a ver a luz.*  
 38- *Chegou o momento de curar as feridas...*  
 39- *Chegou o momento de transpor os fossos que nos separam.*  
 40- *O momento de construir paira sobre nós<sup>13</sup>.*

Na linha 38 “*chegou o momento de curar as feridas*” podemos identificar uma metáfora conceptual, pois será possível constatar a conceituação de uma área de experiência por meio de outra área e, como toda metáfora, consta de dois domínios (Berber Sardinha, 2007:24). O primeiro, vem a ser *chegou o momento*, que aqui podemos identificá-lo como o domínio alvo, isto é, o que será conceituado pelo domínio fonte, *curar as feridas*. Encontramos que o termo *momento* é um termo abstrato, ao passo que a palavra (veículo) *ferida* é algo concreto, fácil de ser apreendida, está ligado ao corpo humano, Berber Sardinha (2007:34) afirma que muitas metáforas conceptuais têm como origem o corpo humano. Mandela, ao dizer *chegou o momento*, parece querer referir-se que o que chegou é a sua vez de mandar e, mais, o seu mandato será de recuperação das dores causados pelas injustiças, discriminações raciais, pelos abusos, pela condenação indevida.

---

<sup>13</sup> 31- *We deeply appreciate the role that the masses of our people and their political mass*  
 32- *democratic, religious, women, youth, business, traditional and other leaders have played*  
 33- *to bring about this conclusion. Not least among them is my Second Deputy President,*  
 34- *the Honorable F.W. de Klerk.*  
 35- *We would also like to pay tribute to our security forces, in all their ranks, for the*  
 36- *distinguished role they have played in securing our first democratic elections and the*  
 37- *transition to democracy, from blood-thirsty forces which still refuse to see the light.*  
 38- *The time for the healing of the wounds has come.*  
 39- *The moment to bridge the chasms that divide us has come.*  
 40- *The time to build is upon us.*

Assim também, na linha 39, *chegou o momento de transpor os fossos*, é possível identificar que o domínio alvo é o mesmo, isto é, o momento, mas o domínio fonte, os fossos, está relacionado a um obstáculo concreto, pois fosso ou fossa refere-se a uma cova aberta em volta de antigas fortificações para servir como defesa; são aberturas mais ou menos profundas e amplas na terra. Mandela serve-se dessa expressão concreta para conceituar o momento, pois ele alega que chegou o momento de transpor os fossos, a interpretamos como o anúncio do fim da separação racial discriminatória naquele país, que a partir daquele momento será anulado, superado o obstáculo (o racismo, o apartheid) que separa os brancos dos negros. O domínio fonte transpor os fossos, parece ter aqui a função de portadora da ideologia, ou seja, ele se serve dessa expressão para dizer MEU GOVERNO É PONTE ou SERÁ PONTE para passar os fossos, isto é, para dar fim à segregação racial. O uso desta metáfora, aqui, parece exercer a mediação entre o social e o lingüístico, como defende a teoria da ACD, pois *o momento de transpor os fossos* é uma maneira elegante de dizer que no seu governo haverá uma preocupação pelas questões sociais e a teoria metodológica da ACD nos permite fazer a leitura que o lingüístico possa exercer ação sobre o mundo e, especialmente, sobre os outros, e aqui essa ação será boa para todos os sul-africanos.

Na linha 40 encontramos a seguinte frase *o momento de construir paira sobre nós*, aqui, como nas duas anteriores, identificamos o mesmo domínio alvo, momento, que parece referir-se ao governo de Mandela iniciado naquele instante; agora, o domínio fonte, que vai conceituar o termo momento será o veículo construir, termo relacionado principalmente a edificação de casas. Aqui, Mandela parece querer dizer que no seu governo será edificado algo e só edifica-se onde não há nada edificado, também podemos fazer uma relação cultural e dizer que construir, levantar casa, na nossa cultura, é sinônimo de prosperidade, portanto, com a metáfora conceptual de tipo estrutural MEU GOVERNO É CONSTRUÇÃO ele critica seus antecessores no poder sem expor as

faces deles e, ao mesmo tempo, a sua, servindo-se, assim da metáfora para dar um sentido de polidez ao seu discurso.

Continuando com as três metáforas - (1) *chegou o momento de curar as feridas*, (2) *chegou o momento de transpor os fossos* e (3) *o momento de construir paira sobre nós* - é possível identificar que feridas, aqui, não quer dizer rompimento de tecidos; transpor os fossos não se refere a uma passagem de uma cova ou barranco e nem construir está se referindo a fazer construção, portanto, parece-nos haver uma incongruência semântica e nos leva a identificar nestes veículos metafóricos as presenças, também, de metáforas lingüísticas e interpretando-as nos seus sentidos pragmáticos podemos encontrar que curar as feridas sugere um tempo de recuperação das dores causadas pelas injustiças, pelas discriminações raciais, pelos abusos, pela condenação indevida; ao anunciar a cura das feridas, ele se serve da metáfora lingüística como portadora de ideologia, pois anuncia que de agora em diante, com o seu governo, haverá mudanças na maneira de governar. Na mesma expressão podemos, também, encontrar uma estratégia de polidez usada pelo autor, tendo em conta o contexto em que foi proferido, ele sugere que a ferida é uma palavra na voz passiva, portanto, subentende-se a existência de um agente *ativo* da ferida, mas esse agente provocador da ferida não é apontado explicitamente, o que salvaguarda, mais uma vez, as faces de todos seus antecessores e, ao mesmo tempo, a dele. Mandela ao dizer transpor os fossos parece querer dizer que de agora em diante não haverá mais distinção de origem, raça entre os sul-africanos. E o veículo metafórico construir parece exprimir um projeto político diferente do que imperava naquela nação, motivo pelo qual podemos caracterizar esta metáfora como portadora de ideologia, pois tenta alterar, por meio da metáfora, a ordem social e política existente (Fairclough, 1989:5).

## Recorte 7

41- Alcançamos finalmente nossa emancipação política. Fazemos a promessa solene de libertar todo o nosso

42- povo da permanente servidão da pobreza, da privação, do sofrimento, do gênero e

43- *outras discriminações*

44- *Logramos dar os passos finais para a liberdade em condições de relativa paz. Comprometemo-nos com a*

45- *construção de uma paz total, justa e duradoura.*

46- *Triunfamos no esforço de implantar a esperança no íntimo dos milhões de pessoas do*

47- *nosso povo.*

48- *Firmamos uma aliança voltada para a construção de uma sociedade em que todos os sul-africanos, tanto*

49- *negros como brancos, possam viver altivos, sem nenhum medo em seus corações, seguros de seu direito*

50- *inalienável à dignidade humana – uma nação multicolor, em paz consigo e com o mundo.*<sup>14</sup>

Esta parte do discurso caracteriza-se, principalmente, pela expressão das promessas. Mandela promete libertar o seu povo da pobreza, da privação, do sofrimento e, também, a construção da paz duradoura. Firmou aliança com negros e brancos, para possibilitar a vivência altiva, sem medo e seguro dos direitos que têm. As promessas parecem fazer parte dos discursos de início de todo governo, sobretudo quando o novo governo carrega a esperança de uma vida melhor para seu povo, assim temos o discurso de posse do novo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, proferido no dia 20 de janeiro de 2009, também carregado de promessas.

Nós construiremos as estradas e pontes, as instalações elétricas e linhas digitais que alimentam nosso comércio e nos mantém juntos. Nós levaremos a ciência a seu lugar de merecimento e controlaremos as maravilhas da tecnologia para aumentar a qualidade do sistema de saúde e reduzir seu custo. Nós usaremos o Sol e os ventos e o solo para abastecer nossos carros e movimentar nossas fábricas. Nós transformaremos nossas escolas, faculdades e universidades para suprir as demandas de uma nova era. Tudo isso nós podemos fazer. E tudo isso nós faremos<sup>15 16</sup>.

<sup>14</sup> 41- *We have, at last, achieved our political emancipation. We pledge ourselves to liberate all  
42- our people from the continuing bondage of poverty, deprivation, suffering, gender and  
43- other discrimination.*

44- *We succeeded to take our last steps to freedom in conditions of relative peace. We  
45- commit ourselves to the construction of a complete, just and lasting peace.*

46- *We have triumphed in the effort to implant hope in the breasts of the millions of our  
47- people.*

48- *We enter into a covenant that we shall build the society in which all South Africans, both  
49- black and white, will be able to walk tall, without any fear in their hearts, assured of their  
50- inalienable right to human dignity--a rainbow nation at peace with itself and the world.*

<sup>15</sup> We will build the roads and bridges, the electric grids and digital lines that feed our commerce and bind us together. We will restore science to its rightful place, and wield technology's wonders to raise health care's quality and lower its cost. We will harness the sun and the winds and the

Deste recorte identificamos as seguintes expressões metafóricas: *alcançamos finalmente nossa emancipação política*, / *Logramos dar os passos finais para a liberdade / construção de uma paz / construção de uma sociedade*. Para a identificação destas metáforas nos servimos, primeiramente, das presenças de dois domínios ou duas áreas de conhecimento humano em cada expressão metafórica (Berber Sardinha, 2007:24). Assim temos em *alcançamos finalmente nossa emancipação política*, como veículo metafórico a palavra *alcançamos*, que podemos identificá-la como domínio fonte, por ser um termo concreto e, por outro lado, temos como tópico a expressão *emancipação política*, como domínio alvo, este pertence a um domínio abstrato. Uma outra maneira de identificar esta expressão metafórica foi pela incongruência semântica, pois vemos que o verbo alcançar, no seu sentido semântico, nos remete a tocar algo ou alguém, conseguir igualar-se a alguém com a velocidade, ou seja, é uma ação que exige movimento. Mas, Mandela, ao servir-se deste verbo parece não querer dizer o que significa o seu sentido literal. Mandela com esta expressão, parece querer dizer aos presentes que o seu governo será sinônimo de libertação, para tal serviu-se da metáfora lingüística. Assim também temos a expressão *dar passos finais para a liberdade*, primeiro reconhecemos que *passos* pertencem a um domínio diferente de *liberdade*, e, também é possível perceber que há uma incongruência semântica, pois dar passos é próprio de quem exerce a ação de caminhar para chegar a algum lugar concreto, mas, Mandela, ao usar esta palavra parece não querer usar com este significado, pois com os passos, como é colocado por Mandela, chega-se à liberdade, que é uma palavra abstrata.

Como segundo momento da análise destas expressões metafóricas é a inferência da metáfora conceptual. Neste caso, é possível identificar que o domínio fonte, *alcançar passos finais*, nos remetem a viagem, portanto, é

---

soil to fuel our cars and run our factories. And we will transform our schools and colleges and universities to meet the demands of a new age. All this we can do. And all this we will do.

<sup>16</sup> Fonte em inglês e tradução: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,veja-a-integra-do-discurso-de-posse-de-obama,310201,0.htm>, acesso em 23/02/2009.

possível a presença de uma metáfora conceptual de tipo estrutural, EMANCIPAÇÃO POLÍTICA É UMA VIAGEM. Também podem ser caracterizadas como metáforas conceptuais de tipo ontológica, pois tanto a emancipação política como a liberdade são tratadas como entidades e são mais facilmente compreendidas. “Os homens têm necessidades, para apreender o mundo, de impor aos fenômenos físicos limites artificiais que os tornem tão discretos como nós, quer dizer, fazem deles entidades demarcadas por uma superfície” (Lakoff & Johnson, 1980/2002:76), Portanto, Mandela serviu-se destas figuras para expressar seus propósitos ao seu povo.

Ainda no mesmo recorte, as próximas expressões metafóricas selecionadas para analisar são: construção de uma paz / construção de uma sociedade. Aqui encontramos um mesmo veículo metafórico – construção - para conceituar os termos paz e sociedade. Também é possível perceber a incongruência entre os domínios (Cameron, 2003:59), no caso entre construção e os termos paz e sociedade. Construção, no seu sentido semântico nos leva ao significado de construção de casas e aqui, Mandela a utiliza para referir-se ao seu governo. Portanto, licencia as seguintes metáforas lingüísticas: MEU GOVERNO É CONSTRUÇÃO e PAZ É CONSTRUÇÃO. Também, as mesmas metáforas podem ser entendidas como conceptual de tipo ontológica, pois aos termos paz e sociedade, termos abstratos, são fornecidas características reais com a possibilidade de serem construídas.

Creemos importante observar também que o próprio contexto pragmático do discurso, isto é, a ascensão no poder de alguém que representa a esperança do povo sul-africano e o momento de grande júbilo e festa, as promessas são facilmente compreendidas, ainda que as metáforas não sejam entendidas como tais (Berber Sardinha, 2007:40).

## **Recorte 8**

51- *Como símbolo do compromisso com a renovação de nosso país, o novo Governo Interino de*

- 52- *Unidade Nacional vai tratar em regime de urgência da questão da anistia de vários*  
 53- *segmentos de nosso povo que cumprem hoje penas de prisão.*  
 54- *Dedicamos este dia a todos os heróis e heroínas deste país e do resto do mundo*  
 55- *que se sacrificaram de muitas maneiras e entregaram a vida para que pudéssemos ser livres.*  
 56- *Seus sonhos se tornaram realidade. A liberdade é sua recompensa.*  
 57- *Sentimo-nos tanto humildes como exaltados pela honra e o privilégio que vocês, o povo da*  
 58- *África do Sul, nos conferiram como o 1º Presidente de uma África do Sul unida, democrática, não-*  
 59- *racista e não- sexista, para guiar nosso país para fora do vale das trevas.*  
 60- *Compreendemos que ainda não há um caminho fácil para a liberdade.*  
 61- *Sabemos muito bem que nenhum de nós agindo sozinho pode alcançar sucesso.*  
 62- *Devemos assim agir juntos como um povo unido, pela reconciliação nacional, pela construção*  
 63- *da nação, pelo nascimento de um novo mundo<sup>17</sup>.*

Nesta parte do discurso, Mandela serve-se das conceptualizações metafóricas da liberdade para continuar com as suas promessas. O autor do discurso aponta que houve entrega de vidas pela liberdade, pois não há caminho fácil para ela e a promessa vem a ser, guiar o país para fora do vale das trevas, mas haverá recompensa e será a liberdade.

Para Lakoff e Johnson (1980/2002:76) as nossas experiências com objetos físicos fornecem a base para conceber eventos, atividades, emoções, idéias etc, como entidades. Nesta idéia nos apoiamos para identificar a presença de metáforas conceptuais de tipo ontológico, que servem para traçar objetivos e motivar ações. Elas são: entregar a vida pela liberdade / não há caminho fácil

---

<sup>17</sup> 51- *As a token of its commitment to the renewal of our country, the new Interim Government*  
 52- *of National Unity will, as a matter of urgency, address the issue of amnesty for various*  
 53- *categories of our people who are currently serving terms of imprisonment.*  
 54- *We dedicate this day to all the heroes and heroines in this country and the rest of the*  
 55- *world who sacrificed in many ways and surrendered their lives so that we could be free.*  
 56- *Their dreams have become reality. Freedom is their reward.*  
 57- *We are both humbled and elevated by the honor and privilege that you, the people of*  
 58- *South Africa, have bestowed on us, as the first President of a united, democratic, non-*  
 59- *racialist and non-sexist South Africa, to lead our country out of the valley of darkness.*  
 60- *We understand it still that there is no easy road to freedom.*  
 61 *We know it well that none of us acting alone can achieve success.*  
 62- *We must therefore act together as a united people, for national reconciliation, for nation*  
 63- *building, for the birth of a new world.*

para a liberdade / guiar o país para fora do vale das trevas / a recompensa será a liberdade.

Referindo-nos às mesmas metáforas, na primeira, por exemplo, entregar a vida pela liberdade, também é possível identificar que Mandela serviu-se de uma metáfora de canal, ainda que não seja o foco desta dissertação, destacamos que vida aqui é identificada com algum objeto físico, pois foi entregue e o ato de entregar, no seu sentido semântico remete-nos ao ato de passar algo a alguém. Mas, aqui, Mandela ao expressar que vidas foram entregues, estava se referindo aos sacrifícios de muitos para a conquista da liberdade.

E a segunda metáfora a ser analisada, não há caminho fácil para a liberdade, aqui a palavra caminho nos remete a um lugar físico que nos permite chegar a algum lugar, isto é, a uma viagem. E isso nos sugere a existência de uma metáfora conceptual de tipo estrutural, LIBERDADE É UMA VIAGEM. Nesta metáfora, o termo liberdade é tido como domínio alvo, pois é um termo abstrato que é conceituado por um termo concreto viagem. Também é possível ver que a palavra liberdade, como um destino final de uma viagem e Mandela expressa que não há um caminho fácil para ela. Assim, o autor do discurso serviu-se de uma metáfora estrutural para expressar que, para chegar à liberdade na África do Sul, ainda há dificuldades a serem superadas.

Na terceira metáfora identificada para a análise, guiar o país para fora do vale das trevas, o termo país é usado como se fosse algo que pode ir de um lugar a outro (guiado), especificamente “*para fora do vale das trevas*”. Portanto, podemos denominá-la de metáfora conceptual de tipo ontológico, pois por meio da ação de guiar é selecionada parte da experiência de Mandela para tratá-la como entidade discreta (Lakoff & Johnson, 1980/2002:75). Ainda referindo-nos à mesma metáfora, é possível ver que tem a função de portadora de ideologia, ao afirmar que o país será guiado para fora do vale das trevas, isto é, o guia (Mandela) parece expressar que levará o país para um lugar melhor; também a

mesma metáfora parece expressar uma crítica aos seus antecessores no poder, pois a expressão “vale das trevas” no contexto do discurso conota algo negativo. Mas essa metáfora serviu para salvaguardar as faces dos envolvidos, ou seja, é usada como estratégia de polidez.

E por último, a liberdade é sua recompensa, Mandela conclui a sua promessa, dando a entender que a sua posse é sinônimo de liberdade. Ainda, a sua posse é a recompensa dos sacrifícios, mas que trouxe como pagamento a liberdade, portanto, estabelece-se uma outra metáfora conceptual de tipo estrutural, LIBERDADE É PAGAMENTO, dessa forma expressa a sua ideologia.

## Recorte 9

64- *Que haja justiça para todos.*

65- *Que haja paz para todos.*

66- *Que haja trabalho, pão, água e sal para todos.*

67- *Que todos saibam que o corpo, a mente e a alma de cada um foram libertados para se realizarem*

68- *a si mesmos.*

69- *Nunca, nunca, nunca mais esta linda terra viverá a opressão*

70- *de uns pelos outros ou sofrerá a indignidade de ser o pária do mundo.*

71- *Que reine a liberdade.*

72- *Que o sol nunca se ponha sobre tão gloriosa realização humana.*

73- *Deus abençoe a África<sup>18</sup>.*

Nesta parte do discurso, Mandela expressa os seus desejos e começamos identificando algumas metáforas da qual ele serviu-se para expressá-los.

---

<sup>18</sup> 64- *Let there be justice for all.*

65- *Let there be peace for all.*

66- *Let there be work, bread, water and salt for all.*

67- *Let each know that for each the body, the mind and the soul have been freed to fulfill*

68- *themselves.*

69- *Never, never and never again shall it be that this beautiful land will again experience the*

70- *oppression of one by another and suffer the indignity of being the skunk of the world.*

71- *Let freedom reign.*

72- *The sun shall never set on so glorious a human achievement!*

73- *God bless Africa!*

Partindo da noção da incongruência semântica (Cameron, 2003:59) identificamos as seguintes metáforas: o corpo, a mente e a alma de cada um foram libertados / Que reine a liberdade.

A metáfora identificada é: o corpo, a mente e a alma de cada um foram libertados. O sentido semântico da palavra libertado remete a algo que se tornou livre, emancipado, desobrigado e, aqui, os que serão libertados são o corpo, a mente e a alma, aos quais não se aplica o termo *libertados*, portanto, parece haver uma incongruência semântica. Esta metáfora parece exercer a função de portadora de ideologia, pois Mandela exprime sua crença e sugere que suas atitudes levariam à realização de uma libertação total, o corpo, a mente e a alma e, por outro lado, também funciona como estratégia de polidez, pois, ao dizer que os sul-africanos estavam sendo libertados, deixa entendido que até o momento presente seu povo estava preso, escravizado, porém, ao servir-se de uma metáfora, não ofende seus antecessores, salvaguardando, dessa forma, as faces envolvidas no contexto do discurso.

Na segunda metáfora, que reine a liberdade, aparecem dois domínios, o primeiro reine, no seu sentido semântico nos leva a ação do poder de alguém, mas aqui o sugerido para reinar é a liberdade, portanto, mais uma vez aparece uma incongruência semântica entre o veículo e o contexto discursivo, logo nos sugere uma metáfora lingüística. Considerando o contexto discursivo desta metáfora é possível afirmar que dessa maneira, Mandela expressa a sua ideologia, prometendo liberdade durante seu governo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação investigamos algumas das metáforas lingüísticas e conceptuais presentes no discurso inaugural de Nelson Mandela. Para essa verificação traçamos os seguintes objetivos: primeiro, identificar algumas metáforas lingüísticas presentes no discurso inaugural de Nelson Mandela; segundo, interpretar tais metáforas nos seus sentidos semânticos e pragmáticos, considerando o contexto discursivo em que foi proferido o discurso em questão. E, por último, inferir as metáforas conceptuais identificadas, apontando cada vez que Mandela usa este tipo de metáfora para expressar a sua ideologia e criticar os seus antecessores no poder, porém sem ofendê-los, servindo-se assim das metáforas como estratégia de polidez.

Durante a análise muitas das conclusões já foram apresentadas, porém aqui faremos ainda algumas considerações.

A metáfora conceptual, evidenciada por meio das expressões lingüísticas, pode ser considerada como um recurso de portador de ideologia e de estratégia de polidez. Pois uma expressão lingüística metafórica, para ser entendida, na maioria das vezes, remete para um conhecimento prévio (pode ser, no caso da metáfora conceptual, o domínio fonte de onde são utilizados alguns traços) para que possamos entender o domínio alvo (a metáfora conceptual em questão, na expressão lingüística que a atualiza).

Mandela, ao servir-se da metáfora conceptual e lingüística, durante o seu discurso de posse, transpôs certas propriedades de um plano da realidade para outro, isto é, de um Domínio Fonte para um Domínio Alvo. Por exemplo, quando - *confere glória e esperança à liberdade que acaba de nascer* – Mandela transpôs o conhecimento que ele e os interlocutores tinham sobre a experiência de nascer, para um outro domínio, mais abstrato que não está ligado às experiências, neste caso, glória e esperança. Assim conceptualizou realidades

das quais nem Mandela, nem o povo se encontravam tão próximos, a partir de dados mais conhecidos e concretos. Neste processo, como apontado no capítulo da fundamentação teórica, as experiências física e espacial assumem, em muitas ocasiões, função importante na escolha da metáfora, uma vez que essas experiências constituem o nível mais elementar da interação do homem consigo próprio e com o meio que o envolve.

Mandela serviu-se de diferentes metáforas para expressar sua ideologia, como exemplo pode ser citado as interpretadas na primeira série de metáforas lingüísticas, ligadas entre si semanticamente, que lhe serviu para definir seu governo, chegando à seguinte metáfora conceptual: A MINHA POSSE COMO PRESIDENTE DA AFRICA DO SUL É O INÍCIO DE ALGO BOM PARA TODOS.

Num discurso político, como o analisado por esta dissertação de mestrado, na maior parte das vezes, o emissor serve-se da metáfora sem tomar consciência de que o está fazendo, isso se dá porque este processo é inerente ao seu próprio pensamento. Neste sentido, a análise das expressões metafóricas recorrentes no discurso de posse de Mandela nos permite verificar que ele se apóia em modelos do mundo concreto para conceptualizar fenômenos abstratos.

Ao considerar a história de Mandela e o contexto sócio-histórico da África do Sul que antecederam ao momento do discurso, é possível concluir, também, que havia motivos suficientes para que Mandela listasse os pontos de descontentamento das ações de seus antecessores no poder, mas, ele, servindo-se das metáforas, não deixou de expressar seus desgostos (proferidos em nome de seu povo), mas o fez, servindo-se da metáfora de uma forma polida, sem ofender ninguém, salvaguardando, assim, as faces dos envolvidos. Para exemplificar citamos a seguinte expressão metafórica: guiar nosso país para fora do vale das trevas. Guiados por nossa experiência é possível interpretar trevas como algo negativo, incerto, escuro. Portanto, a metáfora

conceptual do tipo estrutural nos ajuda a interpretar o que Mandela parecia querer dizer: O GOVERNO DOS MEUS ANTECESSORES ERA UM VALE DAS TREVAS. Dessa forma, a metáfora é usada como estratégia de polidez no Discurso Inaugural de Nelson Rolihlahla Mandela.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Introdução e Notas de Jean Voilquin e Jean Capelle, com tradução de Antonio Pinto de Carvalho. Clássicos Garnier da Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1964.

BARROS, Seladina G. de Camargo. *A polidez no discurso pedagógico*. Dissertação de mestrado pela PUCSP, 1996. 184 páginas.

BELTER, Elsa Ghio de. *Estrategias de acuerdo-desacuerdo en la conversación en el aula*. (Cópia xerografada), 1996.

BROWN, Penélope & LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge University, 1996.

CAMERON, Lynne e LOW, Graham (eds.) *Researching and Applying Metaphor*. London: Continuum, 1999.

CAMERON, Lynne. *Metaphor in education discourse*. London: Continuum. 2003.

CAMERON, Lynne. *The Emergence of Metaphor in Discourse*. Oxford University Press. 2006.

CARVALHO, Sergio. *A “guerra” nas palavras: uma análise crítica da metáfora conceptual na retórica do presidente G. W. Bush Jr e de seus colaboradores*. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2006.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. London: Palgrave Mc Millan 2004.

\_\_\_\_\_. *Politicians and Rhetoric: The Persuasive Power of Metaphor*. New York: Palgrave Macmillan. 2005.

CHOULIARAKI, Lilie & FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília, DF: UnB. (1941) 2001.

\_\_\_\_\_. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, (1941) 2003.

\_\_\_\_\_. *Language and Power*. Longman. Londres e Nova York, 1989.

FERREIRA, L. C. A Teoria da Metáfora Conceptual Revisitada. *Revista Intercâmbio*, volume XVII: 265-280, 2008. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.

FOWLER, Roger & KRESS. Gunter. *Language and Control*. Routledge & K. Paul. EUA. 1979.

GOFFMAN, Erving. "On Face-Work" In: *Interaction Ritual*. Doubleday C. Original & Aldine Publishing Company. Chicago, USA. 1967.

\_\_\_\_\_. *Ritual de la interacción*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1970.

GOUVEIA, Carlos M. A. *Análise Crítica do Discurso: enquadramento histórico*. In: Mateus, Maria Helena e Correia, Clara Nunes. *Saberes no Tempo*. Lisboa: Colibri. 2002.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold. 1985.

HAVERKATE, Henk. *La cortesia verbal*. Madrid: Gredos. 1994,

HOUAISS. *Dicionário de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda.* – Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

KITIS, Elisa e MILAPIDES, Michalis. *Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse. A case study*. Greece: Journal of Pragmatics. 1997.

LAKOFF, George. *Contemporary Theory of Metaphor*. In: ORTONY, A. (Org.) *Metaphor and Thought*. Nova York, Cambridge University press. 1993.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáfora da vida cotidiana* (trads. Grupo de Estudo da Intermediação e da Metáfora, Mara Sophia Zanotto, Vera Maluf). Campinas. Mercado de Letras, 2002.

LEAL, Maria Cristina Diniz. *O Discurso Jornalístico Sobre Privações e Protestos nas Ruas*. São Paulo. Delta. Vol. 21: Especial, 2005.

MAGALHÃES, Izabel. *Introdução: A Análise de Discurso Crítica*. São Paulo. Delta. Vol. 21: Especial. 2005.

MAGALHÃES, Izabel. *Critical Discourse Analysis and the Semiotic Construction of Genre Identities*. São Paulo. Delta. Vol. 21: Especial. 2005.

MANDELA, Nelson 1918. *Longo Caminho para a liberdade: uma autobiografia*. São Paulo. Siciliano, 1995.

MANDELA, Nelson. *Mandela, Retrato Autorizado*. Edição São Paulo: Alles Trade editora Ltda. 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções, In: CASTILHO, Ataliba T. de (Org.) Português culto falado no Brasil. Campinas, Unicamp, 1989.

MARTINS, André Ricardo Nunes. *Grupos Excluídos no Discurso da Mídia: Uma Análise de Discurso Crítico*. São Paulo. Delta. Vol. 21: Especial. 2005.

MOITA Lopes, Luis Paulo. *Por uma Lingüística Aplicada Interdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

ORTONY, A. *Metaphor and Thought*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1979.

PENNYCOOK, Alastair. *Critical Applied Linguistics. A critical introduction*. Mahwah: Lawrence Earlbaum. 2001.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma Lingüística Crítica*. Línguas & Letras. Cascavel (PR) vol 8 nº 14, p. 13-20, 1º Sem. 2007. Disponível em: <http://200.201.8.27/index.php/linguaseletras/article/viewArticle/900> Acesso em: 19 de jan. 2009.

PEDROSA, C. E. F. *Análise crítica do discurso: uma proposta para análise crítica da linguagem*. 2005. Apresentação de Trabalho/Conferência. <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm> Acesso em: 19 de jan. 2009.

RESENDE, V. de Mello & RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RODRIGUES, Tânia Regina Barreira. *Tropos, Polidez e Ideologia no Discurso de Martin Luther King Junior*. São Paulo: PUCSP. 1996.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo. Parábola Editorial, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Trad de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia Científica*. São Paulo: Cortez, ed. 22. 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia Científica*. São Paulo: Cortez, ed. 23. 2007.

SILVA, Augusto Soares. A Lingüística Cognitiva. Uma Breve Introdução a um Novo Paradigma em Lingüística, em *Revista Portuguesa de Humanidades*, 1/1-2, Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga, 59-101. Disponível: <http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>. Acesso em 10 de Fev. 2009.

SILVA, Denise Elena Garcia. *Motivações cognitivas e interacionais em competição: as forças das palavras em contexto*. São Paulo. Delta. Vol. 21: Especial. 2005.

VEREZA, S. C. *Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva*. Linguagem em (Dis)curso, v. 7, nº 3 p. 487-506. Set/Dez. 2007. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0703/9%20art%207.pdf>. Acesso em 19 Jan. 2009.

ZANOTTO, M. S. *A construção e a indeterminação do significado metafórico no evento social da leitura*. In: PAIVA, V. L. *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: edição do autor, UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. *Metáfora, Cognição e Ensino de Leitura*. D.E.L.T.A. (11). 1995.

\_\_\_\_\_, MOURA, H. M. M., VEREZA, S. e NARDI, M. T. A Apresentação à Edição Brasileira. In Lakoff, G e Johnson, M. *Metáforas da Vida Cotidiana* (Tradução de Metaphors We Live By pelo GEIM e coordenação Mara Sophia Zanotto). São Paulo/Campinas: EDUC/Mercado de Letras, 2002.

<http://www.google.com.br/search?hl=pt-R&q=INAUGURAL+ADDRESS+SPEECH+BY+NELSON+MANDELA+MAY+10TH+1994&btnG=Pesquisar&meta>

[www.africadosul.org.br/historia.asp](http://www.africadosul.org.br/historia.asp), visitado em 10 de junho de 2006.

<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0403/09.htm>, consultado em 17 de junho de 2006.

## APÊNDICE

DISCURSO ORIGINAL DE POSSE, DE NELSON MANDELA, PARA PRESIDENTE DA ÁFRICA DO SUL, EM 10 DE MAIO 1994.

- 1- *Your Majesties, Your Highnesses, Distinguished Guests, Comrades and friends:*
- 2 - *Today, all of us do, by our presence here, and by our celebrations in other parts of our*
- 3 - *country and the world, confer glory and hope to newborn liberty.*
- 4 - *Out of the experience of an extraordinary human disaster that lasted too long, must be*
- 5 - *born a society of which all humanity will be proud.*
- 6 - *Our daily deeds as ordinary South Africans must produce an actual South African reality*
- 7 - *that will reinforce humanity's belief in justice, strengthen its confidence in the nobility of*
- 8 - *the human soul and sustain all our hopes for a glorious life for all.*
- 9 - *All this we owe both to ourselves and to the peoples of the world who are so well*
- 10- *represented here today.*
- 11- *To my compatriots, I have no hesitation in saying that each one of us is as intimately*
- 12- *attached to the soil of this beautiful country as are the famous jacaranda trees of Pretoria*
- 13- *and the mimosa trees of the bushveld.*
- 14- *Each time one of us touches the soil of this land, we feel a sense of personal renewal.*
- 15- *The national mood changes as the seasons change.*
- 16- *We are moved by a sense of joy and exhilaration when the grass turns green and the*
- 17- *flowers bloom.*
- 18- *That spiritual and physical oneness we all share with this common homeland explains*
- 19- *the depth of the pain we all carried in our hearts as we saw our country tear itself apart in*
- 20- *a terrible conflict, and as we saw it spurned, outlawed and isolated by the peoples of the*
- 21- *world, precisely because it has become the universal base of the pernicious ideology*
- 22- *and practice of racism and racial oppression.*
- 23- *We, the people of South Africa, feel fulfilled that humanity has taken us back into its*
- 24- *bosom, that we, who were outlaws not so long ago, have today been given the rare*
- 25- *privilege to be host to the nations of the world on our own soil.*
- 26- *We thank all our distinguished international guests for having come to take possession*
- 27- *with the people of our country of what is, after all, a common victory for justice, for*
- 28- *peace, for human dignity.*
- 29- *We trust that you will continue to stand by us as we tackle the challenges of building*
- 30- *peace, prosperity, non-sexism, non-racialism and democracy.*
- 31- *We deeply appreciate the role that the masses of our people and their political mass*
- 32- *democratic, religious, women, youth, business, traditional and other leaders have played*
- 33- *to bring about this conclusion. Not least among them is my Second Deputy President,*
- 34- *the Honourable F.W. de Klerk.*
- 35- *We would also like to pay tribute to our security forces, in all their ranks, for the*
- 36- *distinguished role they have played in securing our first democratic elections and the*

- 37- *transition to democracy, from blood-thirsty forces which still refuse to see the light.*
- 38- *The time for the healing of the wounds has come.*
- 39- *The moment to bridge the chasms that divide us has come.*
- 40- *The time to build is upon us.*
- 41- *We have, at last, achieved our political emancipation. We pledge ourselves to liberate all*
- 42- *our people from the continuing bondage of poverty, deprivation, suffering, gender and*
- 43- *other discrimination.*
- 44- *We succeeded to take our last steps to freedom in conditions of relative peace. We*
- 45- *commit ourselves to the construction of a complete, just and lasting peace.*
- 46- *We have triumphed in the effort to implant hope in the breasts of the millions of our*
- 47- *people.*
- 48- *We enter into a covenant that we shall build the society in which all South Africans, both*
- 49- *black and white, will be able to walk tall, without any fear in their hearts, assured of their*
- 50- *inalienable right to human dignity--a rainbow nation at peace with itself and the world.*
- 51- *As a token of its commitment to the renewal of our country, the new Interim Government*
- 52- *of National Unity will, as a matter of urgency, address the issue of amnesty for various*
- 53- *categories of our people who are currently serving terms of imprisonment.*
- 54- *We dedicate this day to all the heroes and heroines in this country and the rest of the*
- 55- *world who sacrificed in many ways and surrendered their lives so that we could be free.*
- 56- *Their dreams have become reality. Freedom is their reward.*
- 57- *We are both humbled and elevated by the honor and privilege that you, the people of*
- 58- *South Africa, have bestowed on us, as the first President of a united, democratic, non-*
- 59- *racialist and non-sexist South Africa, to lead our country out of the valley of darkness.*
- 60- *We understand it still that there is no easy road to freedom.*
- 61- *We know it well that none of us acting alone can achieve success.*
- 62- *We must therefore act together as a united people, for national reconciliation, for nation*
- 63- *building, for the birth of a new world.*
- 64- *Let there be justice for all.*
- 65- *Let there be peace for all.*
- 66- *Let there be work, bread, water and salt for all.*
- 67- *Let each know that for each the body, the mind and the soul have been freed to fulfill*
- 68- *themselves.*
- 69- *Never, never and never again shall it be that this beautiful land will again experience the*
- 70- *oppression of one by another and suffer the indignity of being the skunk of the world.*
- 71- *Let freedom reign.*
- 72- *The sun shall never set on so glorious a human achievement!*
- 73- *God bless Africa!*

**DISCURSO TRADUZIDO DE POSSE DE NELSON MANDELA, EM 10 DE MAIO DE 1994.**

- 1- *Majestades, Altezas, Ilustres Convidados, Companheiros e Amigos:*
- 2- *Hoje, todos nós, mediante nossa presença aqui, e nossas celebrações em outras partes do nosso país e*
- 3- *do mundo, conferimos glória e esperança à liberdade que acaba de nascer.*
- 4- *A partir da experiência de um extraordinário desastre humano, que se prolongou em demasia, deve*
- 5- *nascer uma sociedade da qual toda a humanidade se orgulhe.*
- 6- *Nossas ações cotidianas como sul-africanos comuns têm de produzir uma realidade sul-africana*
- 7- *verdadeira que reforce a crença da humanidade na justiça, fortaleça sua confiança na nobreza da alma*
- 8- *humana e sustente todos as nossas esperanças de uma vida mais gloriosa para todos.*
- 9- *Devemos tudo isso a nós mesmos e aos povos do mundo que se acham tão bem*
- 10- *representados aqui hoje.*
- 11- *Não tenho nenhuma hesitação em dizer aos meus compatriotas que cada um de nós está tão*
- 12- *intimamente ligado ao solo deste lindo país como o estão os famosos jacarandás de Pretoria e as*
- 13- *mimosas da “bushveld [savanas tropicais]”.*
- 14- *A cada toque nosso no solo desta terra, temos uma sensação de renovação pessoal. A atmosfera*
- 15- *nacional muda como mudam as estações.*
- 16- *Somos impelidos por um sentido de prazer e alegria quando a grama reverdece e*
- 17- *as flores brotam.*
- 18- *A unicidade espiritual e física que todos partilhamos com esta pátria explica a*
- 19- *profunda dor que todos carregamos em nossos corações quando vimos nosso país se dilacerar num*
- 20- *terrível conflito, e a vimos rejeitada, condenada e excluída pelos povos*
- 21- *do mundo precisamente porque ela se tornou a base universal da prática ideológica*
- 22- *perniciosa do racismo e da opressão racial.*
- 23- *Nós, o povo da África do Sul, nos sentimos plenos porque a humanidade nos re-acolheu em seu seio,*
- 24- *porque nós, que éramos há não muito tempo banidos, temos hoje o raro*
- 25- *privilegio de ser anfitriões das nações do mundo em nosso próprio solo.*
- 26- *Agradecemos a todos os nossos ilustres convidados internacionais por terem vindo tomar posse*
- 27- *ao lado do povo de nosso país de algo que é acima de tudo uma vitória comum da justiça,*
- 28- *da paz, da dignidade humana.*
- 29- *Acreditamos que vocês continuarão do nosso lado enquanto enfrentamos os desafios de construir a paz,*
- 30- *a prosperidade, o não-sexismo, o não-racialismo e a democracia.*
- 31- *Agrada-nos profundamente o papel que as massas de nosso povo e de sua massa política*
- 32- *democrática e religiosa, as mulheres, a juventude, das empresas, os líderes tradicionais e outros tiveram na luta para*
- 33- *chegarmos a este desfecho. Não é menos importante entre eles meu Segundo Vice-Presidente*
- 34- *o Honrável F. W. de Klerk.*
- 35- *Também gostaríamos de agradecer às nossas forças de segurança, em todos as suas patentes, pelo*
- 36- *destacado papel que têm desempenhado para proteger nossa primeira eleição democrática e a transição*
- 37- *para a democracia de forças sanguíneas que ainda se recusam a ver a luz.*
- 38- *É chegado o momento de curar as feridas...*
- 39- *É chegado o momento de transpor os fossos que nos separam.*
- 40- *O momento de construir está sobre nós.*
- 41- *Alcançamos finalmente nossa emancipação política. Fazemos a promessa solene de libertar todo o nosso*
- 42- *povo da permanente servidão da pobreza, da privação, do sofrimento, do gênero e*

- 43- *outras discriminações*
- 44- *Logramos dar os passos finais para a liberdade em condições de relativa paz. Comprometemo-nos com a*
- 45- *construção de uma paz total, justa e duradoura.*
- 46- *Triunfamos no esforço de implantar a esperança no íntimo dos milhões de pessoas do*
- 47- *nosso povo.*
- 48- *Firmamos uma aliança voltada para a construção de uma sociedade em que todos os sul-africanos, tanto*
- 49- *negros como brancos, possam viver altivos, sem nenhum medo em seus corações, seguros de seu direito*
- 50- *inalienável à dignidade humana – uma nação multicolor em paz consigo e com o mundo.*
- 51- *Como símbolo do compromisso com a renovação de nosso país, o novo Governo Interino de Unidade*
- 52- *Unidade Nacional vai tratar em regime de urgência da questão da anistia de vários*
- 53- *segmentos de nosso povo que cumprem hoje penas de prisão.*
- 54- *Dedicamos este dia a todos os heróis e heroínas deste país e do resto do mundo*
- 55- *que se sacrificaram de muitas maneiras e entregaram a vida para que pudéssemos ser livres.*
- 56- *Seus sonhos se tornaram realidade. A liberdade é sua recompensa.*
- 57- *Sentimo-nos tanto humildes como exaltados pela honra e o privilégio que vocês, o povo da*
- 58- *África do Sul, nos conferiram como o 1º Presidente de uma África do Sul unida, democrática, não-*
- 59- *racialista e não- sexista, para guiar nosso país para fora do vale das trevas.*
- 60- *Compreendemos que ainda não há um caminho fácil para a liberdade.*
- 61- *Sabemos muito bem que nenhum de nós agindo sozinho pode alcançar sucesso.*
- 62- *Devemos assim agir juntos como um povo unido, pela reconciliação nacional, pela construção*
- 63- *da nação, pelo nascimento de um novo mundo.*
- 64- *Que haja justiça para todos.*
- 65- *Que haja paz para todos.*
- 66- *Que haja trabalho, pão, água e sal para todos.*
- 67- *Que todos saibam que o corpo, a mente e a alma de cada um foram libertados para se realizarem*
- 68- *a si mesmos.*
- 69- *Nunca, nunca, nunca mais esta linda terra viverá a opressão*
- 70- *de uns pelos outros ou sofrerá a indignidade de ser o pária do mundo.*
- 71- *Que reine a liberdade.*
- 72- *Que o sol nunca se ponha sobre tão gloriosa realização humana.*
- 73- *Deus abençoe a África.*